

**VI FÓRUM NACIONAL ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS:
VIVÊNCIAS SISTÊMICAS
I CICLO INTERNACIONAL DE DEBATES:
SINGULARIDADES
19, 20, 21, 22, 23 e 24 de setembro de 2022**



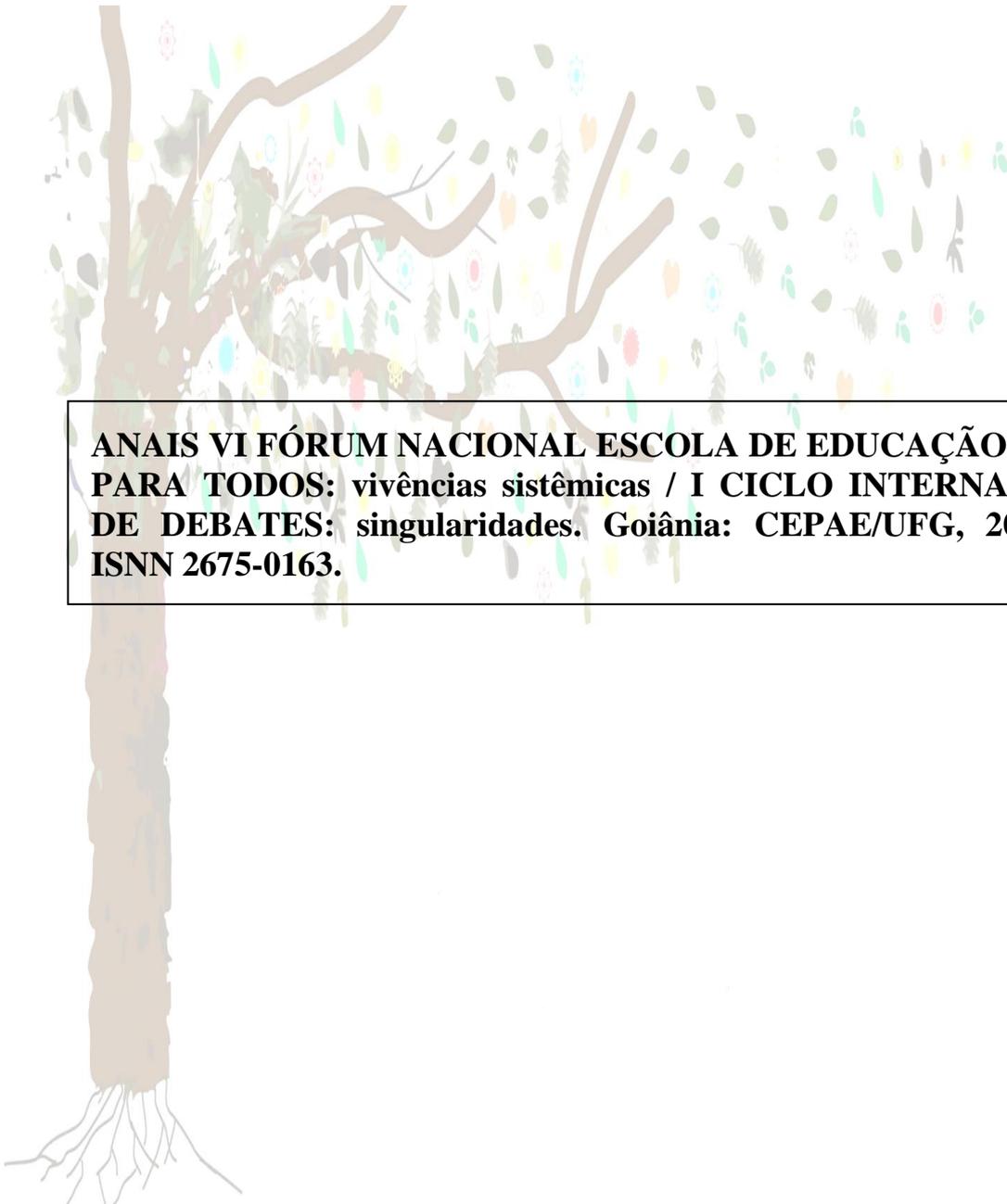
ANAIS

Alessandra da Silva Carrijo
Deise Nanci de Castro Mesquita
Organização

**VI FÓRUM NACIONAL ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS:
VIVÊNCIAS SISTÊMICAS
I CICLO INTERNACIONAL DE DEBATES:
SINGULARIDADES**

Deise Nanci de Castro Mesquita
COORDENAÇÃO

Mariana Cirqueira Ricardo da Silva
Mariusu Sartin
VICE-COORDENAÇÃO



**ANAIS VI FÓRUM NACIONAL ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
PARA TODOS: vivências sistêmicas / I CICLO INTERNACIONAL
DE DEBATES: singularidades. Goiânia: CEPAE/UFG, 2022. 62p.
ISSN 2675-0163.**

**VI FÓRUM NACIONAL ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS:
vivências sistêmicas
I CICLO INTERNACIONAL DE DEBATES:
singularidades**

**Evento Virtual – Canal Oficial UFG TV
19, 20, 21, 22, 23 e 24 de setembro 2022**

COORDENAÇÃO

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita

VICE-COORDENAÇÃO

Profa. Ma. Mariana Cirqueira Ricardo da Silva

Profa. Mariusa Sartin

EQUIPE DE APOIO

Bolsista Amanda Vieira Prado

Prof. Benelzo Batista Oliveira

Profa. Dra. Cleidna Aparecida de Lima Landivar

Profa. Dra. Cristina Batista de Araújo

Profa. Ma. Élide Ferreira

Profa. Ma. Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes

Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Mestranda Francisca Solange de Carvalho Porto

Profa. Dra. Giovanna Aparecida Schittini dos Santos

Profa. Dra. Kalyna Ynanhiá Silva de Faria

Profa. Dra. Lara Lima Satler

Profa. Ma. Márcia Cristina Machado de Oliveira

Profa. Dra. Maria Alice de Sousa Carvalho

Bolsista Maria Fernanda Cândido Gomes

Bolsista Matheus Henrick Alves Oliveira

Profa. Ma. Patrícia Maria Jesus da Silva

Profa. Dra. Silvana Matias Freire

Mestranda Thaisy de Carvalho Rocha Gomes

Bolsista Vitória Geovanna Lemos de Araújo

Profa. Dra. Vivianne Fleury de Faria

EQUIPE DE INTÉRPRETES - LIBRAS

Profa. Ma. Mariana Cirqueira Ricardo da Silva

Mestranda Solange Sodré de Jesus

COMITÊ CIENTÍFICO

TAE Dra. Alessandra da Silva Carrijo

Profa. Dra. Cristina Batista de Araújo

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita

Profa. Ma. Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes

Profa. Dra. Flávia Motta de Paula Galvão

Profa. Dra. Maria Alice de Sousa Carvalho

Profa. Dra. Silvana Matias Freire

ORGANIZAÇÃO ANAIS

TAE Dra. Alessandra da Silva Carrijo
Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita

REALIZAÇÃO

Projeto de Pesquisa Imagem da Vida em Transição
Projeto de Extensão Olhares Singulares Sob(re) Novos Cenários
Projeto Interdisciplinar/Interserial - Anos Finais do Ensino Fundamental
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
Universidade Federal de Goiás

ENDEREÇO

Avenida Esperança, s/n, Campus Universitário
Goiânia, Goiás, CEP 74690-900

COLABORADORES

Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
Universidade Federal de Goiás



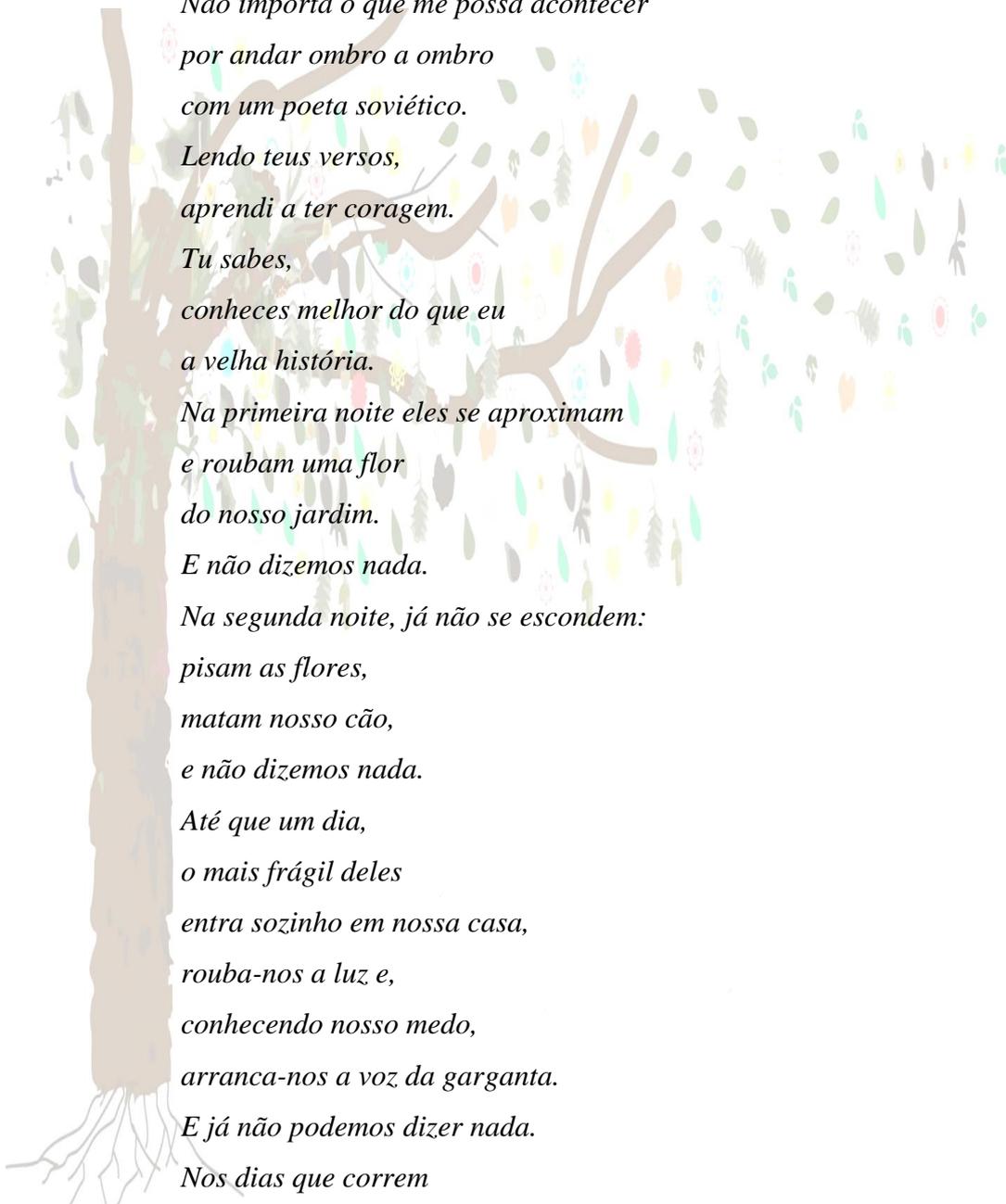
Apresentação

A este VI FNEEBT integra-se um novo evento, o I Ciclo Internacional de Debates, que juntos ganham novos protagonistas embora tragam ao debate, ainda, antigas questões. Neste ano de 2022, deveríamos estar celebrando os 200 anos da Independência do Brasil como colônia de Portugal. No entanto, o que se pode vislumbrar, em um estado quase catatônico, é a guinada de um governo presidencialista eleito pela maioria dos brasileiros em direção à submissão e à subserviência de um ou mais países (neo)colonizadores, menos monarcas, mas também autocratas, gananciosos pelas riquezas minerais, ambientais e culturais brasileiras.

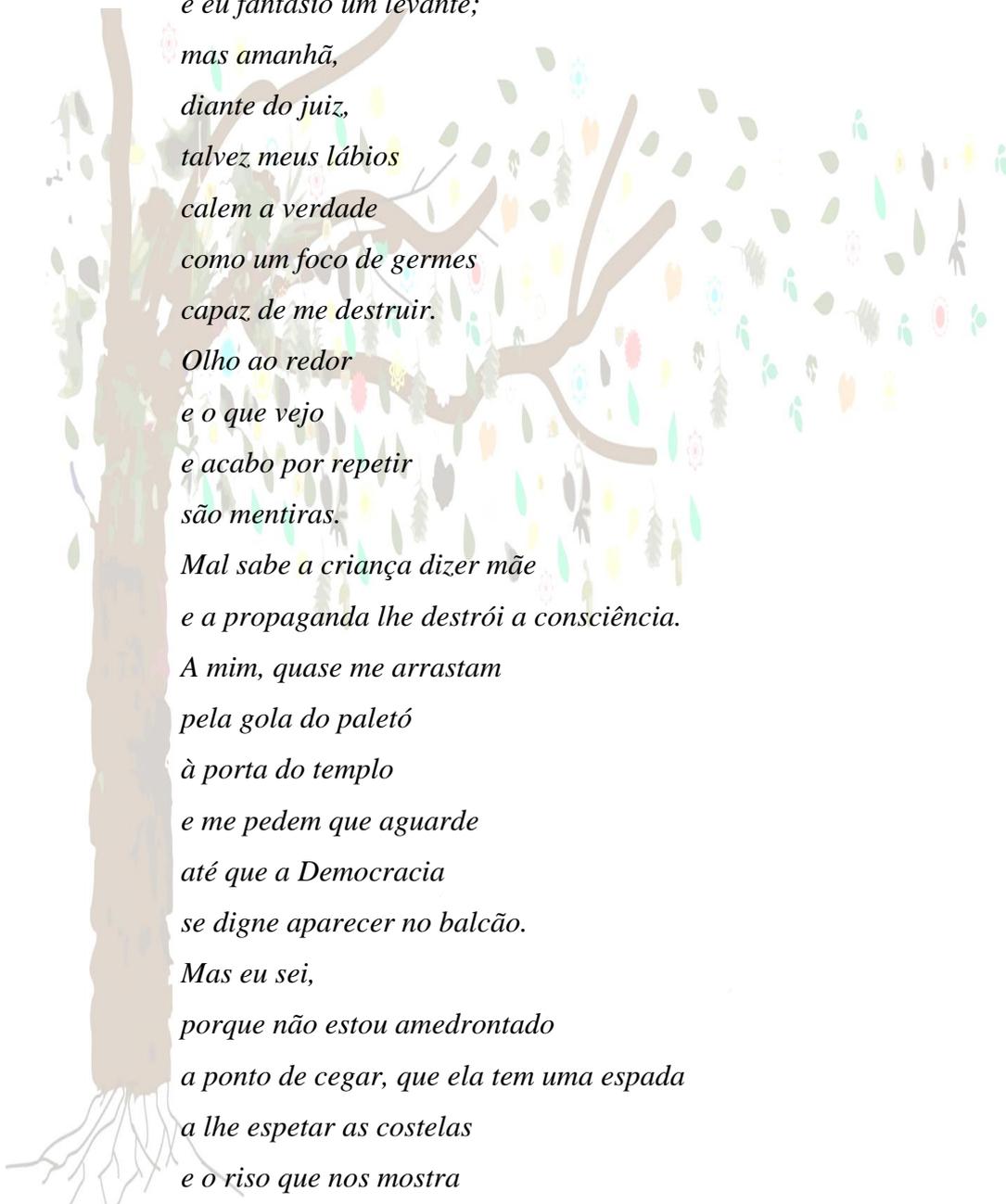
Também, neste ano de 2022, deveríamos estar celebrando os 100 anos da Semana de Arte Moderna. De certo modo, estamos fazendo isso e, tal como há um século, de forma antropofágica, mas às avessas, dessa vez denunciando e resistindo a manifestações artístico-culturais de nossos próprios conterrâneos brasileiros que, como alguns daquele tempo, também não nos representam. Dissimulam valores e saberes que não são os nossos, não expressam nossas raízes.

E, ainda neste ano de 2022, mesmo que de forma melancólica, nostálgica e saudosa, para nos resgatar o prazer e a alegria de celebrar, solenizamos em verso e prosa o que foi a vida e a obra de dois excepcionais brasileiros: Elza Soares (2022) e Lima Barreto (1922).

Assim, com tantas provocações a nos incitar a observação, a análise e a ação, neste ano de 2022, o já tradicional Fórum Nacional Escola de Educação Básica para Todos! reclamou expansão de atividades em sua já habitual programação; e não faltaram velhos e atuais companheiros, do Brasil e além-mar, para se congregarem em torno de luta única, a da eterna resistência! Resistência à aporofobia, à gordofobia, à lgbtqia+fobia, à invisibilização, à misoginia, à xenofobia, ao apagamento, ao capacitismo, ao classismo, ao etnocentrismo, ao patriarcalismo, ao patriotismo, ao negacionismo, ao racismo e todos os outros ismos que insistem em nos envergonhar como povo e nação, e nos transvestir em seres desumanos, incivilizados, insensíveis e abrutalhados. Resistência na e pela arte à guisa do “Elogio da Morte”, de Lima Barreto; ao tom da “Carne”, de Elza Soares; e no “Caminho, com Maiakóvski”, pelas mãos de Eduardo Alves da Costa:



*Assim como a criança
humildemente afaga
a imagem do herói,
assim me aproximo de ti, Maiakósvki.
Não importa o que me possa acontecer
por andar ombro a ombro
com um poeta soviético.
Lendo teus versos,
aprendi a ter coragem.
Tu sabes,
conheces melhor do que eu
a velha história.
Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor
do nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite, já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada.
Nos dias que correm
a ninguém é dado
repousar a cabeça
alheia ao terror.
Os humildes baixam a cerviz:
e nós, que não temos pacto algum*



*com os senhores do mundo,
por temor nos calamos.
No silêncio de meu quarto
a ousadia me afogueia as faces
e eu fantasio um levante;
mas amanhã,
diante do juiz,
talvez meus lábios
calem a verdade
como um foco de germes
capaz de me destruir.
Olho ao redor
e o que vejo
e acabo por repetir
são mentiras.
Mal sabe a criança dizer mãe
e a propaganda lhe destrói a consciência.
A mim, quase me arrastam
pela gola do paletó
à porta do templo
e me pedem que aguarde
até que a Democracia
se digne aparecer no balcão.
Mas eu sei,
porque não estou amedrontado
a ponto de cegar, que ela tem uma espada
a lhe espetar as costelas
e o riso que nos mostra
é uma tênue cortina
lançada sobre os arsenais.
Vamos ao campo
e não os vemos ao nosso lado,
no plantio.*

*Mas no tempo da colheita
lá estão
e acabam por nos roubar
até o último grão de trigo.
Dizem-nos que de nós emana o poder
mas sempre o temos contra nós.
Dizem-nos que é preciso
defender nossos lares,
mas se nos rebelamos contra a opressão
é sobre nós que marcham os soldados.
E por temor eu me calo.
Por temor, aceito a condição
de falso democrata
e rotulo meus gestos
com a palavra liberdade,
procurando, num sorriso,
esconder minha dor
diante de meus superiores.
Mas dentro de mim,
com a potência de um milhão de vozes,
o coração grita - MENTIRA!*

Nossos sinceros agradecimentos àqueles que já se achegaram a nós e sejam muito bem-vindos os que se identificam com nossa luta, resistência e esperança de tempos melhores.

Deise Nanci de Castro Mesquita (CEPAE/UFG)
mesquitadeise@ufg.br



Programação

DIA 19/09 – 2ª FEIRA

18h – Abertura

Boas-vindas

Lançamento e-book – Coletânea Escola de Educação Básica para Todos! (Vol. VIII e Vol. IX)

Coordenação: Deise Nanci de Castro Mesquita (CEPAE/UFG)

Mariana Cirqueira Ricardo da Silva (EM Hébert José de Souza)

Mariusia Sartin (CORAE / PPGEEB/CEPAE/UFG)

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=KV061jRfaE>

19h – Arte, Cultura e Saberes #1

“Elogio da Morte”, de Lima Barreto, interpretado por Cleidna Aparecida de Lima Landivar

19h30 - Roda de Conversa #1

Singularidades na Escola para Todos!

Convidados: Conceição Aparecida Costa Azenha (OUTRaRTE/IEL/UNICAMP)

Sônia Maria Rodrigues (FE/UFG)

Coordenação: Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha (CEPAE/UFG)

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=Q54OQyb5ACg>

21h - Encerramento

DIA 20/09 – 3ª FEIRA

14h – Ciclo Internacional de Debate #1

Interloquções Latino-Americanas: educação, currículo e investigação com crianças

Convidadas: Karina Alejandra Villarroel Ambiado (GEA-IV – Chile)

María Patricia Angulo Soto (GEA-IV – Chile)

Silvia López de Maturana Luna (GEA-IV – Chile)

Coordenação: Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes (CEPAE/UFG)

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=AcnAugKxnio>

15h30 – Intervalo

16h – Ciclo Internacional de Debate #2

Educação Antirracista e Decolonial

Convidados: Ana Tereza Reis da Silva (GPDES – UnB)

Daniela Barros Pontes e Silva (GPDES – UnB)

Romero Antonio de Almeida Silva (GPDES – UnB)

Coordenação: Fátima Lucília Vidal Rodrigues (GPDES/UnB)

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=veN2wtcUC6U>

17h30 – Intervalo

18h – Arte, Cultura e Saberes #2

“Festa da Romaria no Quilombo Kalunga”, por Andresa Moreno

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=B0MFzMBoTXE>

19h – Intervalo

19h30 – Diálogos Abertos #1

O Ser Político na Escola

Convidados: Evandro Medeiros (FEC/UNIFESSPA)

José Carlos Almeida (Midiativista e Comunicador Popular)

Wanderley José de Faria (PPGEEB/CEPAE/UFG)

Coordenação: Cristina Batista de Araújo (CEPAE/UFG)

Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=oR_6rCZ7TpM

21h – Encerramento

DIA 21/09 – 4ª FEIRA

14h – Ciclo Internacional de Debate #3

Audiovisual e Popularização da Ciência

Convidado: José da Silva Ribeiro (AoNorte/Portugal)

Coordenação: Lara Lima Satler (CNPq/ Npti e Redarth/UFG)

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=vBt-N10U-DE>

15h30 – Intervalo

16h – Ciclo Internacional de Debate #4

Às Senhoras das Matas e das Águas, Pedimos Licença pra Entrar

Convidadas: Ludmila Pereira de Almeida (Coletivo Maga. Mundi – Favela em Pauta)

Nathália Mendes Silva (Centro Acadêmico Machado de Assis - FL/UFG)

Nicolle Maria de Oliveira (Grupo Coró Mulheres - FL/UFG)

Coordenação: Tânia Ferreira Rezende (Gira Leodegária de Jesus / Obiah - FL/UFG)

Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=4fejQ-YD_PA

17h30 – Intervalo

18h – Arte, Cultura e Saberes #3

“Bora vadiá! Capoeira, Canto e Resistência”, por Thalyta Colangelo

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=vSJiHnm5trY>

19h - Intervalo

19h30 – Diálogos Abertos #2

Gênero, Diversidade Sexual e Raça em Perspectiva

Convidados: Augusto Melo de Oliveira (Pesquisador sobre Gênero: população trans)

Laura de Castro Teixeira (Delegada da Polícia Civil – GO)

Sadrack Alves (PPGEEB/CEPAE/UFG)

Silvana Cotrim (Associação Cultural Negra Visão)

Coordenação: Giovanna Aparecida Schittini dos Santos (CEPAE/UFG)

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=xNjiEMDvGac>

21h – Encerramento

DIA 22/09 – 5ª FEIRA

14h – Ciclo Internacional de Debate #5

Educação para Expansão do Olhar: povos originários

Convidados: Heron Wa´rãwi Abtsiré (Rede Estadual de Goiás)

Thaisa Santos Barale (PPGEEB/CEPAE/UFG)

Coordenação: Mariusa Sartin (CORAE / PPGEEB/CEPAE/UFG)

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=BLjAXDu6hlw>

15h30 – Intervalo

16h - Ciclo Internacional de Debate #6

Kuarup Yawalapiti: tradição e ancestralidade no Alto Xingu

Convidadas: Ana Terra Yawalapiti (Xingu)

Watatakalu Yawalapiti (Xingu)

Coordenação: Luiz Filipe Barcelos Macêdo (ECoS/PPGSC/FS/UnB)

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=zVgPNS3qQhQ>

17h30 – Intervalo

18h – Divulgação Científica em Linguagem Audiovisual #1

Curta Ciência, Educação Básica & Diálogos

Princesas da Disney: influência e formação de meninas

Ditados populares

Os memes morrem?

Curadoria: Camila Borges Paula (PPGPC/UFG)

Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=knsDytdYD_k

19h – Intervalo

19h30 – Diálogos Abertos #3

Africanidade(s), Ancestralidade(s) e Feminismo(s) Negro

Convidadas: Érika Santos (Pretas de Angola/Go)

Maria das Neves Jardim (Gira Leodegaria / UFG)

Rosinalda Correa da Silva Simoni (UFT/Mulheres Negras Malunga)

Coordenação: Kalyna Ynanhiá Silva de Faria (CEPAE/UFG)

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=LknKeWq0E8A>

21h – Encerramento

DIA 23/09 – 6ª FEIRA

14h – Vivências Sistêmicas #1

Experimentação Artística em Escolas de Educação Básica

Escolas Parceiras: Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação / UFG

Colégio Estadual Olavo Bilac

Colégio Estadual Polivalente Prof. Goiany Prates

Escola Aldeia
Escola Casa Verde
Escola de Tempo Integral Juscelino Kubstcheck
Escola Municipal Hébert José de Souza
Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira

Coordenação: Márcia Cristina Machado de Oliveira (EM de Tempo Integral JK)

Patrícia Maria Jesus da Silva (EM Jalles Machado de Siqueira)

Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=_al073uCR5Y

17h30 – Intervalo

18h – Divulgação Científica em Linguagem Audiovisual #2

Saberes Colaborativos e Experimentação Artística na Educação Básica

A Bênção

A Força das mulheres

Educação libertadora

Curadoria: Thaisy de Carvalho Rocha Gomes (PPGEEB/CEPAE/UFG)

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=Xkf-qSjFQ-4>

19h – Intervalo

19h30 – Roda de Conversa #2

Protagonismo Indígena na Construção de Políticas Públicas para Educação Linguístico-Ambiental

Convidados: Eunice Pirkodi Caetano Moraes Tapuia

Gilson Ipaxi'awyga Tapirapé

Silma Aparecida da Silva Costa Tapuia

Tânia Ferreira Rezende (FL/UFG)

Coordenação: Silvana Matias Freire (CEPAE/UFG)

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=jJj81Kjb4xU>

21h – Encerramento

DIA 24/09 – SÁBADO

9h – Vivências Sistêmicas #2

Protagonismo Estudantil em Escolas de Educação Básica

Escolas Parceiras: Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação / UFG
Colégio Estadual Olavo Bilac
Colégio Estadual Polivalente Prof. Goiany Prates
Escola Aldeia
Escola Casa Verde
Escola de Tempo Integral Juscelino Kubstcheck
Escola Municipal Hébert José de Souza
Escola Municipal Jalla Machado de Siqueira

Coordenação: Márcia Cristina Machado de Oliveira (EM de Tempo Integral JK)
Patrícia Maria Jesus da Silva (EM Jalles Machado de Siqueira)

11h30 – Agradecimentos e encerramento

A Rainha Elza Soares Vive!

Edição: Amanda Vieira Prado (Bolsista PROBEC/CEPAE/UFG)

Matheus Henrick Alves Oliveira (Bolsista PROBEC/CEPAE/UFG)

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=PwRzTDfqN7M>



Sumário

<u>Apresentação</u>	5
<u>Programação</u>	9
<u>Arte, Cultura e Saberes</u>	
<u>Elogio da Morte, Lima Barreto</u>	19
Cleidna Aparecida de Lima Landivar	
<u>Festa da Romaria no Vão do Moleque, Quilombo Kalunga, Cavalcanti</u>	21
Andresa Moreno	
<u>Bora vadiá! Capoeira, Canto e Resistência</u>	22
Thalyta Colangelo	
<u>A Rainha Elza Soares Vive!</u>	23
Amanda Vieira Prado	
Matheus Henrick Alves Oliveira	
<u>Roda de Conversa</u>	
<u>Singularidades na Escola para Todos!</u>	27
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha	
<u>Protagonismo Indígena na Construção de Políticas Públicas para Educação Linguístico-Ambiental</u>	28
Silvana Matias Freire	
Tânia Ferreira Rezende	
<u>I Ciclo Internacional de Debates</u>	
<u>Interlocuções Latino-Americanas: educação, currículo e investigação com crianças</u>	30
Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes	
<u>Educação Antirracista e Decolonial</u>	31
Fátima Lucília Vidal Rodrigues	
<u>Audiovisual e Popularização da Ciência</u>	33
Lara Lima Satler	
<u>Às Senhoras das Matas e das Águas, Pedimos Licença pra Entrar</u>	35
Tânia Ferreira Rezende	
<u>Educação para Expansão do Olhar: povos originários</u>	37
Mariusa Sartin	
Thaisa Santos Barale	
<u>Kuarup Yawalapiti: tradição e ancestralidade no Alto Xingu</u>	38
Luiz Filipe Barcelos Macêdo	

Diálogos Abertos

O Ser Político na Escola.....40
Cristina Batista de Araújo

Gênero, Diversidade Sexual e Raça em Perspectiva.....41
Giovanna Aparecida Schittini dos Santos
Sadrack Oliveira Alves

Africanidade(s), Ancestralidade(s) e Feminismo(s) Negro.....46
Kalyna Ynanhiá Silva de Faria

Divulgação Científica em Linguagem Audiovisual

Curta Ciência, Educação Básica & Diálogos.....48
Camila Borges Paula

Saberes Colaborativos e Experimentação Artística na Educação Básica.....52
Thaisy de Carvalho Rocha Gomes

Vivências Sistêmicas

Projeto de Extensão Olhares Singulares Sob(re) Novos Cenários: experimentação artística e protagonismo estudantil em escolas de Educação Básica.....56
Márcia Cristina Machado de Oliveira
Patrícia Maria Jesus da Silva

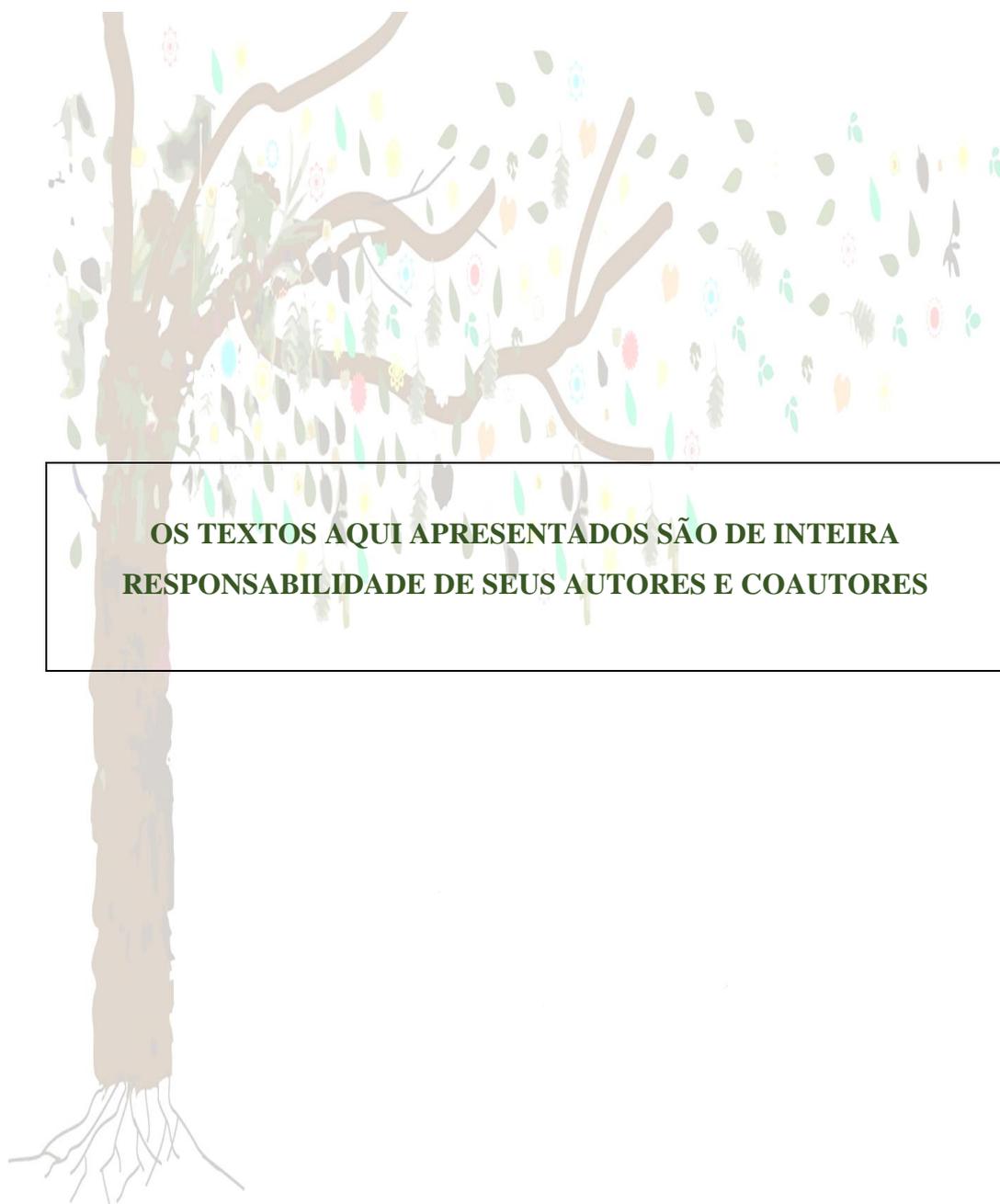
Lançamentos

Escola de Educação Básica para Todos! – Volume VIII.....58
Organização: Deise Nanci de Castro Mesquita
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha
Patrícia Maria Jesus da Silva

Escola de Educação Básica para Todos! – Volume IX.....59
Organização: Deise Nanci de Castro Mesquita
Lara Lima Satler
Silvana Matias Freire

Homenagens

Afonso Henriques de Lima Barreto
Elza Gomes da Conceição



**OS TEXTOS AQUI APRESENTADOS SÃO DE INTEIRA
RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES E COAUTORES**



ARTE, CULTURA E SABERES

ELOGIO DA MORTE, LIMA BARRETO

Cleidna Aparecida de Lima Landivar (Escritora e Contadora de histórias)
cleidna.l@gmail.com

Não sei quem foi que disse que a Vida é feita pela Morte. É a destruição contínua e perene que faz a vida.

A esse respeito, porém, eu quero crer que a Morte mereça maiores encômios.

É ela que faz todas as consolações das nossas desgraças; é dela que nós esperamos a nossa redenção; é ela a quem todos os infelizes pedem socorro e esquecimento.

Gosto da Morte porque ela é o aniquilamento de todos nós; gosto da Morte porque ela nos sagra. Em vida, todos nós só somos conhecidos pela calúnia e maledicência, mas, depois que Ela nos leva, nós somos conhecidos (a repetição é a melhor figura de retórica), pelas nossas boas qualidades.

É inútil estar vivendo, para ser dependente dos outros; é inútil estar vivendo para sofrer os vexames que não merecemos.

A vida não pode ser uma dor, uma humilhação de contínuos e burocratas idiotas; a vida deve ser uma vitória. Quando, porém, não se pode conseguir isso, a Morte é que deve vir em nosso socorro.

A covardia mental e moral do Brasil não permite movimentos de independência; ela só quer acompanhadores de procissão, que só visam lucros ou salários nós pareceres. Não há, entre nós, campo para as grandes batalhas de espírito e inteligência. Tudo aqui é feito com o dinheiro e os títulos. A agitação de uma idéia não repercute na massa e quando esta sabe que se trata de contrariar uma pessoa poderosa, trata o agitador de louco.

Estou cansado de dizer que os malucos foram os reformadores do mundo.

Le Bon dizia isto a propósito de Maomé, nas suas Civilisation des arabes, com toda a razão; e não há chanceler falsificado e secretária catita que o possa contestar..

São eles os heróis; são eles os reformadores; são eles os iludidos; são eles que trazem as grandes idéias, para melhoria das condições da existência da nossa triste Humanidade.

Nunca foram os homens de bom senso, os honestos burgueses ali da esquina ou das secretárias chics que fizeram as grandes reformas no mundo.

Todas elas têm sido feitas por homens, e, às vezes mesmo mulheres, tidos por doidos.

A divisa deles consiste em não ser panurgianos e seguir a opinião de todos, por isso mesmo podem ver mais longe do que os outros.

Se nós tivéssemos sempre a opinião da maioria, estaríamos ainda no Cro-Magnon e não teríamos saído das cavernas.

O que é preciso, portanto, é que cada qual respeite a opinião de qualquer, para que desse choque surja o esclarecimento do nosso destino, para própria felicidade da espécie humana.

Entretanto, no Brasil, não se quer isto. Procura-se abafar as opiniões, para só deixar em campo os desejos dos poderosos e prepotentes.

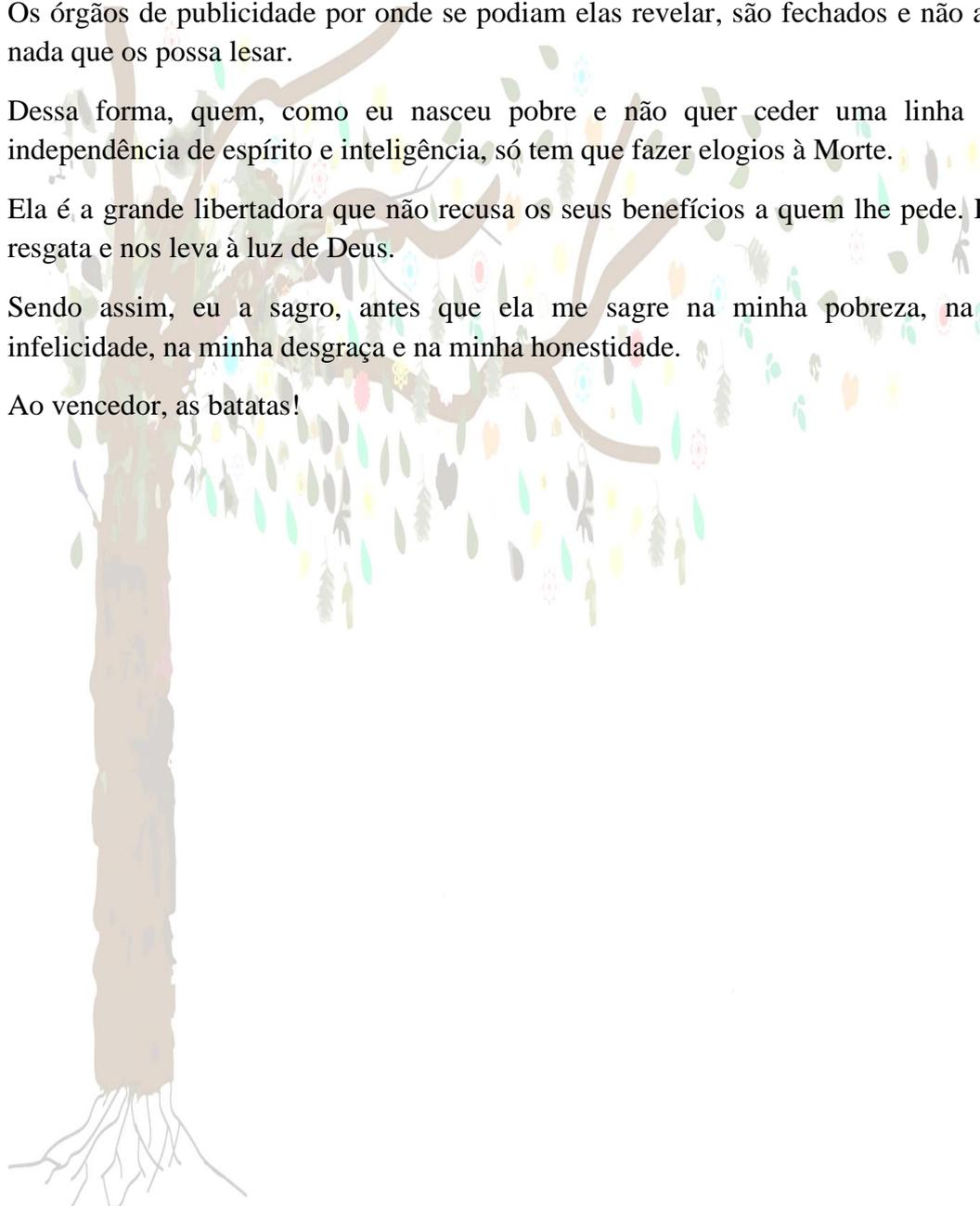
Os órgãos de publicidade por onde se podiam elas revelar, são fechados e não aceitam nada que os possa lesar.

Dessa forma, quem, como eu nasceu pobre e não quer ceder uma linha da sua independência de espírito e inteligência, só tem que fazer elogios à Morte.

Ela é a grande libertadora que não recusa os seus benefícios a quem lhe pede. Ela nos resgata e nos leva à luz de Deus.

Sendo assim, eu a sagro, antes que ela me sagre na minha pobreza, na minha infelicidade, na minha desgraça e na minha honestidade.

Ao vencedor, as batatas!



FESTA DA ROMARIA
Vão do Moleque, Quilombo Kalunga, Cavalcanti

Andresa Moreno (Fotógrafa e Professora - Escola Casa Verde)
dresacrismoreno@gmail.com



BORA VADIÁ! CAPOEIRA, CANTO E RESISTÊNCIA

Thalyta Colangelo (Capoeirista e Professora - Academia Fightfitnesssports)
tha_colangelo@hotmail.com



A RAINHA ELZA SOARES VIVE!

Amanda Vieira Prado (Bolsista PROBEC/CEPAE/UFG)
amandaprado@discente.ufg.br

Matheus Henrick Alves Oliveira (Bolsista PROBEC/CEPAE/UFG)
matheushenrick@discente.ufg.br

A CARNE, ELZA SOARES

Composição: Seu Jorge / Ulises Capelleti / Marcelo Fontes do Nascimento

<https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>

A carne mais barata do mercado
É a carne negra
(Tá ligado que não é fácil, né, mano?)
Se liga aí
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
(Só-só cego não vê)
Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
E vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos
A carne mais barata do mercado é a carne negra
(Dizem por aí)
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
Que fez e faz história
Segurando esse país no braço, meu irmão
O cabra que não se sente revoltado
Porque o revólver já está engatilhado
E o vingador eleito
Mas muito bem-intencionado
E esse país vai deixando todo mundo preto
E o cabelo esticado
Mesmo assim ainda guarda o direito
De algum antepassado da cor
Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar

Se liga aí
A carne mais barata do mercado é a carne negra
(Na cara dura, só cego que não vê)
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
(Na cara dura, só cego que não vê)
A carne mais barata do mercado é a carne negra
(Tá, tá ligado que não é fácil, né, né mano?)
Negra, negra
Carne negra
É mano, pode acreditar
A carne negra

JUÍZO FINAL, Elza Soares
Composição: Élcio Soares / Nelson Cavaquinho
<https://www.youtube.com/watch?v=VBU5MYaDKjo>

O Sol há de brilhar mais uma vez
A luz há de chegar aos corações
O mal será queimada a semente
O amor será eterno novamente
É o juízo final
A história do bem e do mal
Quero ter olhos pra ver
A maldade desaparecer
O Sol há de brilhar mais uma vez
A luz há de chegar aos corações
O mal será queimada a semente
O amor será eterno novamente
É o juízo final
A história do bem e do mal
Quero ter olhos pra ver
A maldade desaparecer
O Sol há de brilhar mais uma vez
A luz há de chegar aos corações
O mal será queimada a semente
O amor será eterno novamente
É o juízo final
A história do bem e do mal
Quero ter olhos pra ver
A maldade desaparecer
O Sol há de brilhar mais uma vez
O amor será eterno novamente
O Sol há de brilhar mais uma vez
O amor será eterno novamente
O amor será eterno novamente



RODA DE CONVERSA

SINGULARIDADES NA ESCOLA PARA TODOS!

Maria Alice de Sousa Carvalho (CEPAE/UFG)
maria.carvalho@ufg.br

Resumo

Objetiva-se, com esta Roda de Conversa, discutir a respeito das questões conceituais que envolvem a (s) singularidade(s) dos sujeitos envolvidos na experiência escolar, a partir da concepção de linguagem e sujeito referenciada pela psicanálise. Espera-se apontar possíveis contribuições para o campo escolar, justamente para enfrentar a problemática tendência a instrumentalizar e objetivar esse universo (relação professor-aluno, ensino-aprendizagem, currículo, por exemplo). Participarão dessa conversa a psicanalista e docente Conceição Aparecida Costa Azenha, pesquisadora do OUTRarte – Universidade Estadual de Campinas, com atuação também na Universidade Metodista de Piracicaba e a docente Sonia Maria Rodrigues, pesquisadora do Projeto Arte, psicanálise e educação os procedimentos estéticos do cinema e as vicissitudes da infância, da Universidade Federal de Goiás e coordenadora do projeto de extensão Sessão Corujinha. A coordenação da roda será feita pela docente Maria Alice Carvalho, coordenadora do Projeto Arte, psicanálise e educação os procedimentos estéticos do cinema e as vicissitudes da infância, da Universidade Federal de Goiás e coordenadora do projeto de extensão Folhinha Aplicada.

Palavras-chave: Sujeito. Singularidade(s). Experiência Escolar.

PROTAGONISMO INDÍGENA NA CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICO-AMBIENTAL

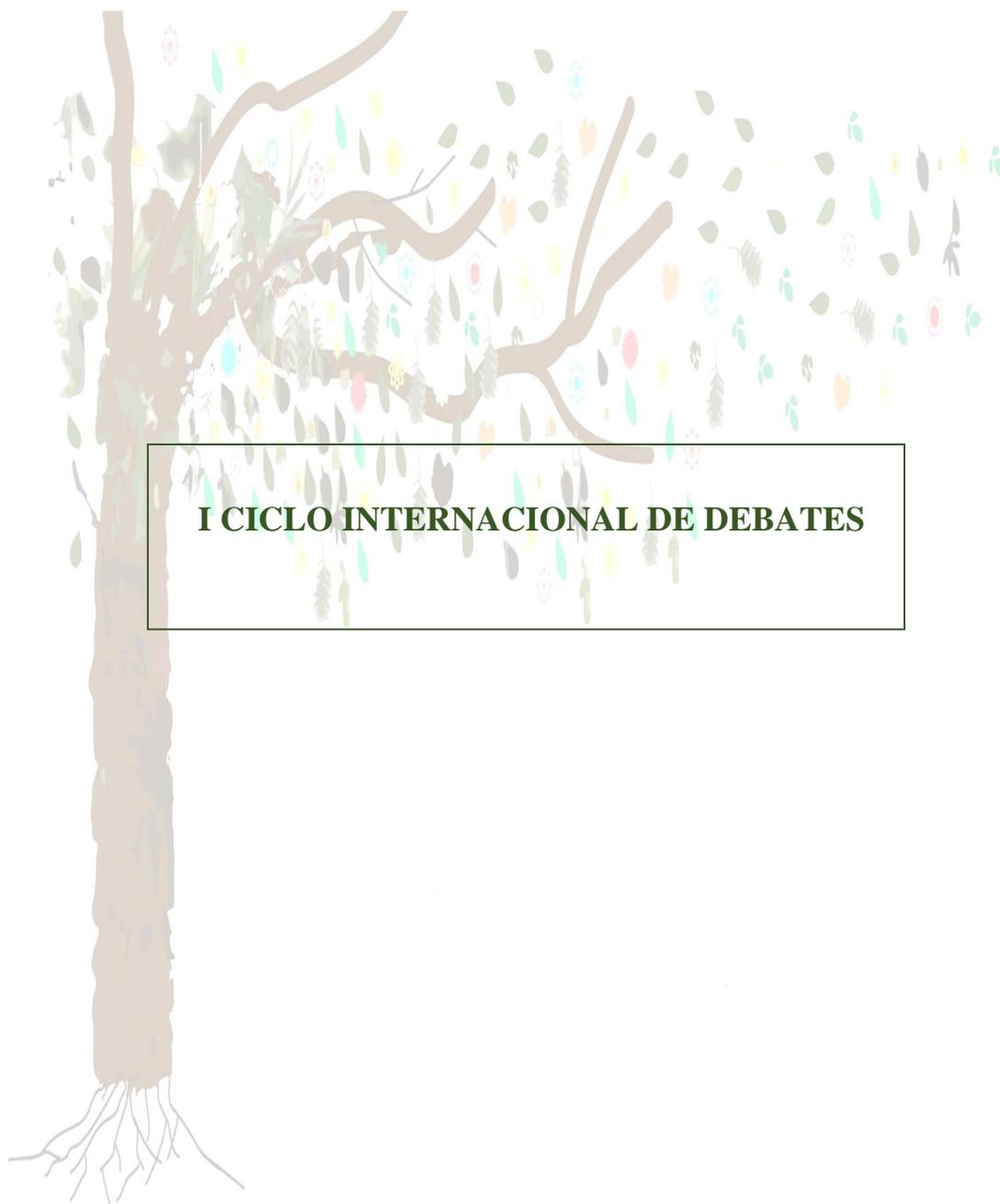
Silvana Matias Freire (CEPAE-UFG)
silvanaf@ufg.br

Tânia Ferreira Rezende (FL-UFG)
taferrez@ufg.br

Resumo

A educação linguística de que trata esta Roda de Conversa se define como territorializada e marcada, isto é, não se propõe neutra, nem universalizante nem genérica, é situada no corpo-território de saber do Cerrado do Brasil Central, na tensão entre a pluriversidade e sua especificidade, com os conflitos, tensões, lutas e resistência no campo. A educação ambiental, conforme dispõe a Constituição, supõe, por sua vez, o conhecimento e o entendimento-respeito-sentimento dos saberes e das linguagens desse bioma, condição para que seja efetivada no Cerrado. Essa educação constitui-se nas malhas enunciativas de suas guardiãs, teceladas na dialogia do cuidado comunitário, em reciprocidade (PIMENTEL DA SILVA, 2017). Com esse entendimento, propõe-se que a Educação Linguística e a Educação Ambiental sejam concebidas como educação política libertadora, indissociáveis, porque corpo-terra-território-espiritualidade-sentimento-conhecimento-linguagem não se dissociam nem se fragmentam. Por seu turno, a educação linguístico-ambiental intercultural envolve os diferentes povos ainda em luta com as violências, principalmente no campo, decorrentes da permanência da colonialidade/cristandade racista, sexista e desenvolvimentista. São esses os povos que guardam e protegem o Cerrado, ao mesmo tempo em que são protegidos pelo Cerrado. Desse modo, a educação linguístico-ambiental intercultural somente poderá ser promovida e o direito ao meio ambiente equilibrado somente poderá ser efetivado se as linguagens do Cerrado, suas cosmolinguagens, nos termos de Antônio Nêgo Bispo (2015), forem entendidas, ainda que seus segredos jamais possam ser decifrados ou revelados.

Palavras-chave: Protagonismo indígena. Políticas públicas. Educação linguístico-ambiental.



I CICLO INTERNACIONAL DE DEBATES

INTERLOCUÇÕES LATINO-AMERICANAS: EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E INVESTIGAÇÃO COM CRIANÇAS

Fabiana Perpétua Ferreira Fernandes (CEPAE/UFG)
fernandes_fabiana@ufg.br

Resumo

Os contextos escolares são únicos e ao mesmo tempo diversos e complexos. É na escola que os estudantes iniciam sua formação acadêmica e buscam espaços para o seu desenvolvimento integral, enquanto sujeitos repletos de vivências e experiências que precisam ser compartilhadas com seus pares, como explica Tonucci (2007). A imaginação, a criatividade, a curiosidade e a pesquisa precisam permear todas as práticas desenvolvidas em sala de aula, visando criar momentos de troca e socialização dos saberes construídos por cada indivíduo ao longo de sua vida (FREIRE, 1996). Nesse sentido, o presente Ciclo Internacional de Debate apresenta e discute propostas de trabalho realizadas em espaços escolares latino-americanos. Tais propostas buscam o desenvolvimento intelectual e pessoal de crianças que estão iniciando sua formação e, com isso, necessitam de um olhar sensível de seus professores em relação às etapas e processos pelos quais estão passando. A iniciação à pesquisa assume um papel fundamental nesse período, pois contribui para o desenvolvimento do senso crítico, da reflexão, da busca por novos conhecimentos e pela problematização constante durante os primeiros anos de escolarização. Outra questão importante é o desenvolvimento da autonomia e do protagonismo estudantil durante a formação escolar, pois preparam os estudantes para os desafios não só acadêmicos como pessoais. É essencial que a escola esteja preparada para perceber e atender as necessidades específicas de seus estudantes, bem como promover sua participação efetiva em todas as atividades pedagógicas que são propostas e desenvolvidas nesse espaço.

Palavras-chave: Educação e currículo. Educação Básica. Pesquisa na escola.

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E DECOLONIAL

Fátima Lucília Vidal Rodrigues (Semillero Brasil - UnB)
vidalrodrigues@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo do Ciclo Internacional de Debate “Educação antirracista e decolonial” é apresentar a temática da educação de forma afrocentrada e antirracista, em uma perspectiva decolonial, a qual potencialize a formação de estudantes e professores no escopo da temática central proposta pelo Fórum Nacional Escola de Educação Básica para Todos! Essa mesa reunirá duas professoras e um professor com trajetórias pessoais e profissionais vinculadas ao tema. Terá como mediadora a professora Fátima Lucília Vidal Rodrigues (professora associada na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Mestre e doutora em Educação com PhD pela Universidade de Barcelona e coordenadora dos projetos de extensão universitária Semeadores de Investigação (Semillero Brasil), Formação Docente por meio de Trilhas Investigativas Próprias das Infâncias e da Rede Brasileira de Semilleros de Investigação (RedBraSI)). Como palestrantes contaremos com a participação da professora Ana Tereza Reis da Silva (cabocla e ribeirinha, com ancestralidade indígena do povo Tapajó. Professora associada III da Universidade de Brasília (Faculdade de Educação), atuando nos seguintes campos da educação: diálogo de saberes e intercientificidade; educação das relações étnico-raciais e antirracismo; educação em contexto de povos e comunidades tradicionais; territorialidade e sustentabilidade de povos e comunidades tradicionais; prática e pensamento decolonial), Daniela Barros Pontes e Silva (pedagoga. Mestre e doutoranda em Educação pelo PPGE da Universidade de Brasília. Especialista em Estudos Afro-Latino-Americanos y Caribeños pela CLACSO/FLACSO. Atualmente é professora substituta na Faculdade de Educação da UnB. Especialista em Epistemologías del Sur pela CLACSO e pela Universidade de Coimbra. Atua no campo da Educação a partir dos Estudos Decoloniais e Interculturais em diálogo com a Filosofia Africana, Psicologia Africana e Afrodiaspórica com ênfase na educação pela Tradição Oral de Matriz Africana em contextos de Povos, Comunidades e Expressões Culturais Tradicionais) e Romero Antônio de Almeida Silva (quilombola, do Quilombo de Trigueiros, Zona da Mata Norte de Pernambuco. Sua trajetória na educação básica foi como estudante de escola pública e até o ensino fundamental estudou na comunidade onde vive até hoje. Cursou Licenciatura em História, Especialização em História do

Brasil e Mestre em Educação pela UPE. Lecionou na escola municipal do Quilombo de Trigueiros, nos anos finais e na Educação de Jovens e Adultos. Atualmente, trabalha como professor no Ensino Médio na rede estadual de Pernambuco. É membro do Coletivo Nacional de Educação da CONAQ e pesquisador nos temas: educação escolar quilombola, identidade quilombola e currículo), os quatro estão vinculados ao Grupo de Pesquisa Educação, Saberes e Decolonialidades (GPDES) do CNPQ, liderado pela professora Ana Tereza Reis e participam desse espaço de reflexão em parceria com o grupo Semillero Brasil e o CEPAE/UFG.

Palavras-chave: Educação. Saberes. Decolonialidades.



AUDIOVISUAL E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Lara Lima Sater (CNPq/ Npti e Redarth/UFG)
lara_lima_satler@ufg.br

Resumo

Vemos o audiovisual. O uso do verbo ver no contexto da popularização da ciência se amplia em sentido, pois se refere a perceber, questionar e elucidar a dúvida de acordo com o interesse. Essa pesquisa objetiva saber sobre o modo e o tempo que cada um tem para acessar conteúdos científicos na internet, podendo ser sua curiosidade investigada por meio da leitura, da escuta ou da visualização, ou seja, lendo, ouvindo ou assistindo... Nesse sentido, mapeou-se que há quem prefira, diante da necessidade de encontrar uma resposta para alguma questão específica de uma tarefa, por exemplo, fazer uma busca simples pelo Google, não necessariamente o Acadêmico; há também aqueles que se interessam por seguir, em redes sociais, perfis de conteúdos científicos variados; e há ainda quem, antes de ler um texto, capítulo ou livro, assista a um vídeo ou ouça um podcast sobre quem o escreveu, informando-se previamente sobre suas principais ideias, suas filiações teóricas e perspectivas metodológicas. Assim, o audiovisual torna-se uma das possibilidades de popularizar conteúdos científicos, embora não seja a única. Ao estabelecer um diálogo entre cinema e ciência, pensa-se ambos como contributos para uma abordagem interdisciplinar. Assim, pretende-se explorar situações paradigmáticas de relação do cinema com a ciência, as artes e as tecnologias a partir de sete questões que mereceram ao longo dos tempos pesquisa aprofundada: o nascimento do cinema e os limites da percepção e as expedições científicas interdisciplinares e o conhecimento do outro no seu ambiente; Jean Painlevé e o cinema científico - ciência e surrealismo; Jean Rouch: Cinema, ciências sociais – O real imaginado; encenação do cientista no cinema em *L'enfant sauvage* de François Truffaut; Efeito Rashomon – paradigma da complexidade, O cinema e a ficção científica - da *Ida à Lua* (1902) de Georges Méliés a *Blade Runner* 2017 e 2049 de Denis Villeneuve. O objetivo principal não é de um tratamento exaustivo de cada uma das questões enunciadas, pretende-se, antes, lançar tópicos que possam contribuir para a realização de pesquisa em uma ou em várias das questões enunciadas. Esta apresentação emerge da pesquisa realizada ao longo de duas décadas e objeto atual de minicursos, cursos de extensão ou módulos de formação integrados em disciplinas de pós-graduação.

Palavras-chave: Audiovisual. Ciência. Popularização.

José da Silva Ribeiro (AoNorte/Portugal)

Licenciado em Filosofia pela Universidade do Porto, bacharel e Cinema pela Escola Superior Artística do Porto, Mestre em Comunicação Educacional Multimedia, Doutor em Antropologia com incidência em Antropologia Visual / Antropologia e Cinema. Fui professor em Universidades em Portugal, França, Espanha, Brasil e Argentina,

coordenei Grupos de Investigação, orientei algumas dezenas de dissertações e teses. Atualmente coordeno o Grupo de pesquisa CINEMAS do ID+ Instituto de Design, Cultura e Media e Grupo de Estudos Cinema e Narrativas Digitais da AO NORTE – Associação de produção e Animação Audiovisual, coordeno o FORA DE CAMPO – Curso de Verão integrado no MDOC- Festival Internacional de Documentário de Melgaço e participo em diversos Júris de Festivais de Cinema e de Provas Académicas e desenvolvo o Projeto de pesquisa e produção audiovisual: ENTRE IMAGENS – Cinema para todas as idades.

Lara Lima Satler (CNPq/ Npti e Redarth/ Universidade Federal de Goiás)

Bolsista de Produtividade de Pesquisa, CNPq. Pós-Doutorado em Estudos Culturais, no Programa Avançado de Cultura Contemporânea, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais (PPGIPC) e Comunicação (PPGCOM), ambos na UFG, tendo publicado os livros "Performances da Recepção" (2022), "Pesquisa em Arte, Audiovisual e Performances" (2020) e Performances, Mídia e Cinema (2019). É membro do Núcleo de Pesquisa em Teoria da Imagem e vice-coordenadora da REdArtH - Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades.

ÀS SENHORAS DAS MATAS E DAS ÁGUAS, PEDIMOS LICENÇA PRA ENTRAR

Tânia Ferreira Rezende (Gira Leodegária de Jesus / Obiah - FL/UFG)

taferrez@ufg.br

Resumo

O livro das Matrinarrativas Cerradeiras é resultado de uma construção e autoria feminina coletiva, comunitária, da Gira Leodegária de Jesus. Com o distanciamento físico entre as pessoas que a pandemia de Covid-19 exigiu, em 2020, ocorreu a suspensão das atividades escolares e acadêmicas presenciais. Continuamos nossas atividades, na medida do possível, online. O distanciamento físico e, em muitos casos, isolamento, trouxe ou acirrou adoecimentos, como depressão e ansiedade. Por isso, amiudamos os encontros online da Gira, com o objetivo de conversar para desabafar. Os desabafos foram assoprando e reavivando as fagulhas adormecidas das memórias e, de desabafo em desabafo, entre choros, soluços, lutos e as doenças, as narrativas fluíam, entrelaçadas umas às outras. Veio, então, a proposta de escrever as narrativas e, depois, a ideia do livro. Este projeto foi um suporte afetivo-emocional para a Gira, em 2020 e 2021. Esse nome Gira Leodegária de Jesus é uma homenagem à primeira mulher, uma mulher negra, professora, a publicar um livro de poemas em e por Goiás: Leodegária de Jesus. E Gira pode ter muitos sentidos, a depender de quem e de onde se está enunciando o sentido. Da cosmopercepção que fundamenta as epistemologias e as enunciações cerradeiras, 'gira' é um movimento espaço-temporal, que organiza e dá sentido à existência. Entendemos e defendemos que as existências cerradeiras nunca se romperam nem cederam à violência do memoricídio colonial. A gira-movimento espaço-temporal desafia a noção linear de tempo e de espaço eurocentrada, com suas fragmentações e cortes que não permitem encontros nem interações. A Gira é um abraço de afeto, amor, fé e esperança, que educa a criança, em broto para floração e frutos, do(a) novo(a), com sua sabedoria de mudança e atualização, ao(à) velho(a), com sua sabedoria tronco-raiz, de inspiração e experiência, para que não se perca o cultivo por falta ou excesso de nutrição, vagar ou rapidez no andar do crescimento. A Gira é uma roda-movimento de mulheres para acolhimento e cuidado acadêmico a quem necessita e busca. As Matrinarrativas Cerradeiras são nossas maneiras de nos confrontarmos, de nos enfrentarmos e, ao mesmo tempo, de performarmos nossas existências por meio daquilo que a colonialidade entende como sagrado, depois do capital: a escrita alfabonumérica, numa norma culta e numa estética literária, altamente estilizadas, portanto, sempre inalcançáveis. A nossa norma e a nossa estética, sem rodeio, sem peia nem meia, estão, politicamente, vinculadas ao nosso mundo de pertencimento: o Cerrado, nosso ancestral, nosso avô, nosso velho bisavô. A nossa escrita é a escrita falada, sinalizada, tocada, cantada, dançada da palavramundo, as palavras grávidas de mundo, de Paulo Freire; e a palavra independente da escrita, de Dona Fiota da Tabatinga. São palavras teceladas em rodas e teares comunitários, a muitas mãos, mão finas e macias, mãos enrugadas, calejadas, mãos de linhas trançadas, onde se lê as histórias dos mundos que a escola não conta. Estas Matrinarrativas Cerradeiras são

movimentos em magias poéticas das palavras encantadas das Giradeiras Leodegárias. São os movimentos em giras e rodas, ecoando por sertões, vãos, grotas e veios, em sertão profundo e cerradoeiro. Esta é a primeira publicação da Gira Leodegária de Jesus.

Palavras-chave: Giras e Rodas. Cerrado. Matrinarrativas.

Ludmila Pereira de Almeida

Bacharela em Linguística, Licenciada em Português e bacharela em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás. Mestra em Comunicação e Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás. Integra na Faculdade de Letras a Gira Leodegária de Jesus e o Obiah Grupo de Estudos Interculturais da Linguagem, e na Faculdade de Informação e Comunicação o Coletivo Magnífica Mundi o Portal Favela em Pauta.

Nathália Mendes Silva

Cursa licenciatura em Português na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, onde integra a Gira Leodegária de Jesus e é membra do Centro Acadêmico Machado de Assis.

Nicolle Maria Oliveira de Moraes

Cursa licenciatura em Português na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, e integra a Gira Leodegária de Jesus. É cantora e faz parte do grupo Coró Mulheres.

Tânia Ferreira Rezende

Doutora em Linguística, com ênfase em Sociolinguística. Professora na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, líder da Gira Leodegária de Jesus e do Obiah Grupo Estudos Interculturais da Linguagem.

Matrinarrativas Cerradeiras – Vol I

Organização: Gira Leodegária de Jesus	<i>Percepções empáticas, de nossa mais velha a nossa mais nova: Marta Cezária de Oliveira e Eleniza da Mata Jesus</i>
Mandata 2020-2022:	<i>Homenagem Ciências do Cerrado 2021</i>
Andrielly Mercos Freire Carneiro Letícia Santos Gomes Ludmila Pereira de Almeida Maria Neves Jardim de Deus Nathália Mendes da Silva	<i>Matripotências dos saberes, fazeres e vivências das mulheres que embolam sabão</i> Com Maria Madalena Silva Barboza
Capa: Retrato de "Leodegária de Jesus"	<i>Autoras</i> Andra Martins Ribeiro Andréia Batista Coelho Andrielly Mercos Freire Carneiro Edinamar Gonçalves de Brito Letícia Santos Gomes Ludmila Pereira de Almeida Maria Madalena Silva Barboza Maria Neves Jardim de Deus Nathália Mendes Silva Nicolle Maria de Oliveira Tânia Ferreira Rezende Vanete Inaruki Karajá
Arte: Òkun (@okun)	
Guardiã: Casa de Leodegária (@casadeleodegaria)	

EDUCAÇÃO PARA EXPANSÃO DO OLHAR: POVOS ORIGINÁRIOS

Mariusasartin (CORAE / PPGEEB/CEPAE/UFG)
mariusasartin@gmail.com

Thaisa Santos Barae (PPGEEB/CEPAE/UFG)
thaisasantosbarale@gmail.com

Resumo

A goiana Thaisa Santos Barale é professora de Educação Física da Rede Pública de Educação dos municípios de Goiânia e Senador Canedo. É mestrandas do Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/CEPAE/UFG) e tem como objeto de pesquisa a cultura corporal indígena, com objetivo de elaborar, desenvolver e analisar uma proposta de intervenção com saberes da cultura corporal indígena para o componente curricular de educação física na escola. Thaisa fará parte do Ciclo Internacional de Debates com o indígena Xavante Heron War'ráwi Abtsiré. Ele foi morador da aldeia de São Marcos no Mato Grosso, estudou na escola indígena de sua aldeia e desenvolveu conhecimentos linguísticos de sua língua materna e portuguesa. Hoje reside em Goiânia e atua na rede pública de educação como intérprete de sua língua materna. Mantém suas raízes e procura dar visibilidade aos rituais importantes para seu povo por meio de fotos e vídeos produzidos em sua aldeia. Por meio desse diálogo, serão debatidos a importância dos conhecimentos indígenas para a sociedade brasileira, qual o papel das escolas para a expansão deste olhar e como refletir sobre a formação dos professores indígenas e não indígenas para que sejam capazes de construir estes conhecimentos juntamente com toda a comunidade escolar.

Palavras-chave: Povos originários. Saberes indígenas. Educação.

KUARUP YAWALAPITI: TRADIÇÃO E ANCESTRALIDADE NO ALTO XINGU

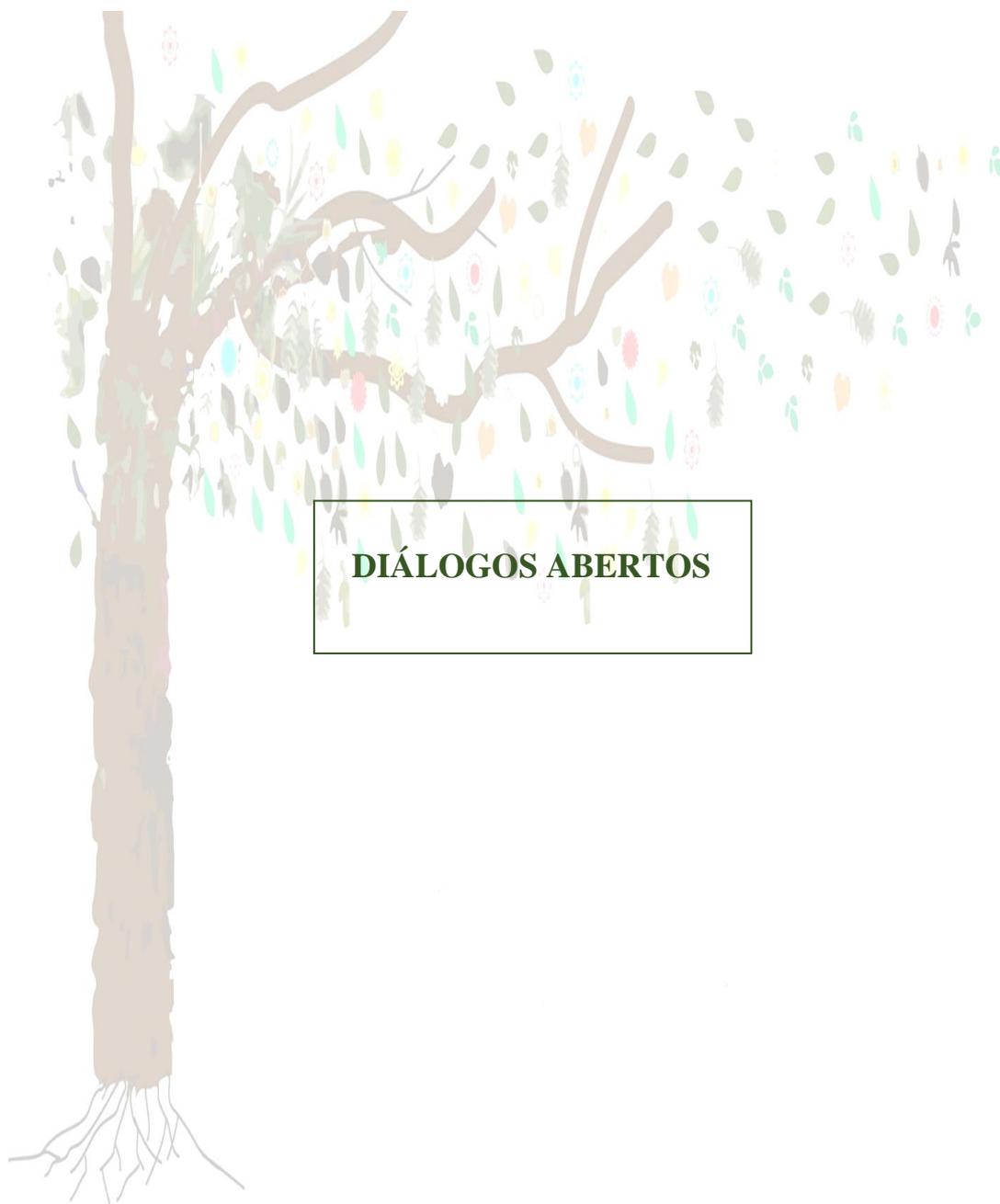
Luiz Filipe Barcelos Macêdo (ECoS/PPGSC/FS/UnB)
luizfilipebarcelos@gmail.com

Resumo

Neste I Ciclo Internacional de Debate, o fotógrafo goiano Luiz Filipe Barcelos convida as irmãs Ana Terra Yawalapiti e Watatakalu Yawalapiti para comentarem o seu ensaio “Kuarup Yawalapiti”, com fotos e vídeos que mostram a vida e tradição dessa etnia indígena localizada no Parque Indígena do Xingu - Mato Grosso. Os registros foram feitos em 2016, durante a festa de nome Kuarup, ritual fúnebre dos indígenas do Alto Xingu para dar adeus a seus entes queridos que se foram. A festa em questão marca a despedida da maior liderança indígena do Alto Xingu, Piracumã Yawalapiti. As fotos mostram as danças, os ornamentos e o dia a dia na aldeia. Já os vídeos mostram a tradicional luta dos povos xinguanos, denominada Huca-Huca. As fotos e vídeos buscam dar visibilidade à causa indígena e valorizar a cultura ancestral dos povos originários brasileiros.

Palavras-chave: Tradição. Ancestralidade. Yawalapiti.

Luiz Filipe Barcelos é Jornalista e fotógrafo. É graduado em Comunicação Social pela UFG (2009) e doutorando em Comunicação em Saúde pela UnB. Há mais de 10 anos. atua com assessoria de comunicação multimídia para saúde pública e educação. É pesquisador do Laboratório Ecos da UnB, em Tecnologias de Comunicação e Informação para a Saúde. Mais sobre o trabalho de LF Barcelos, acessar: <https://lfbarcelos.tumblr.com/>



DIÁLOGOS ABERTOS

O SER POLÍTICO NA ESCOLA

Cristina Batista de Araújo (CEPAE/UFG)
cristina.araujo@ufg.br

Resumo

A escola é uma construção social que, como tal, sofre as interferências do modelo de sociedade em que se insere e, por não estar isenta, participa do processo de criação e manutenção de verdades e de produção de subjetividades. É um lugar para o qual convergem tensões acerca do perfil de sujeitos (in)desejados e sobre sua própria existência enquanto instituição, capaz de potencializar o protagonismo estudantil e o ativismo social, por meio de debates sobre os mais diferentes temas mobilizados na sociedade. Entendemos que é fundamental a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos estudantes envolverem-se em atividades direcionadas ao enfrentamento de questões reais, estimulando a atuação criativa como fonte de liberdade e compromisso. Em “O ser político na escola”, conversaremos sobre a importância das práticas escolares na constituição de jovens que transcendem o universo de seus interesses particulares e se defrontam com questões de interesse coletivo. Falaremos sobre como o exercício da cidadania, ao mesmo tempo em que contribui para as comunidades locais, abre oportunidades para a ampliação do conhecimento sobre a realidade social e possibilitam uma compreensão transversal de questões ligadas aos direitos humanos, à ética, à justiça social, à tolerância, à paz, à diversidade sociocultural e à superação de preconceitos. Contaremos com as contribuições do comunicador popular José Carlos Almeida (Maranhão), jornalista colaborador da plataforma Mídiainja, crítico e ativista de questões como cultura e ancestralidade; do professor universitário Evandro Costa Medeiros, da Faculdade de Educação do Campo (UNIFESSPA – Pará), que atua também como diretor e produtor de filmes documentários, idealizador e organizador do Festival Internacional Amazônica de Cinema de Fronteiras; e do professor de Filosofia e Sociologia Wanderley José de Faria, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (CEPAE/UFG), que pesquisa os desafios do ensino dos componentes curriculares Filosofia, Sociologia e Ensino Religioso. Esperamos que as reflexões ofereçam subsídios para múltiplas experiências, democráticas e cidadãs, dos sujeitos escolares.

Palavras-chave: Ativismo social. Educação popular. Mobilização estudantil.

GÊNERO, DIVERSIDADE SEXUAL E RAÇA EM PERSPECTIVA

Giovanna Aparecida Schittini dos Santos (CEPAE-UFG)
giovanna_aparecida_schittini@ufg.br

Sadrack Oliveira Alves (PPGEEB/CEPAE/UFG)
sadrackalves@outlook.com

As discussões de temas que envolvem categorias e conceitos como gênero, diversidade sexual e raça têm se constituído em pontos de debates nas últimas décadas entre educadores e educadoras que consideram sua importância para uma educação pautada nos direitos humanos e na democracia. Essa relevância tem se desdobrado num conjunto de leis que normatizam, entre outros aspectos, a reserva de percentual de vagas em instituições de ensino federais para grupos historicamente excluídos desses espaços, como os candidatos negros (Lei 12.711/2012) e a obrigatoriedade no currículo de conteúdos que abordam a cultura e história afro-brasileira e indígena (Lei 11.645/2008). Gênero e diversidade sexual também são temas presentes nos currículos escolares, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), mas têm sido paulatinamente retirados desses documentos, caso mais recente da BNCC (BRASIL, 2018). Entretanto, diversas questões concernentes ao tema têm sido pautadas na sociedade civil, no movimento feminista e na comunidade LGBTQIAPN+, que têm buscado nas últimas décadas a visibilidade de suas pautas e conseguido importantes conquistas, como a criminalização da violência doméstica, a tipificação do feminicídio, a adoção do nome social e o reconhecimento do casamento civil e mesmo a reinserção dos temas nos currículos nacionais.

A despeito dessas conquistas, é indiscutível a existência de inúmeros entraves, preconceitos e violências que têm se colocado para a população que compõe esses grupos. Basta citar as manifestações cada vez mais presentes de racismo estrutural e da permanência de uma ideia falaciosa de democracia racial vigente no país. Conforme aponta Silvio Almeida, ao se falar de racismo, é necessário considerar que todo racismo é estrutural, pois se origina na própria estrutura social, ou seja, da forma como se dão as relações políticas, econômicas, jurídicas, sociais e culturais. Portanto, é simplista considerar o racismo apenas do ponto de vista individual (racismo individual) ou restrito a processos institucionais (racismo institucional), dado que ambos são “[...] derivados de uma sociedade cujo racismo é a regra e não a exceção” (ALMEIDA, 2019, p. 33).

O mito de democracia racial, ao proclamar o Brasil como um paraíso racial que levou a constituição de um povo mestiço (MUNANGA, 2017), contribui para a negação do racismo, favorecendo discursos meritocráticos e a-históricos, responsabilizando os próprios sujeitos por suas condições de vida. Essa falácia contribui para o fortalecimento de compreensões que deslegitimam as discussões e lutas antirracistas, fortalecendo um sistema político, social e econômico que beneficia um pequeno grupo.

No que diz respeito às questões em comum e específicas do movimento feminista e LGBTQIAPN+, as recentes críticas ao termo ideologia de gênero - que não encontram fundamentação teórica nos estudos de gênero e que têm dificultado e mesmo impedido as discussões sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual na educação básica e na sociedade como um todo -, apontam para a existência de um conservadorismo que impede mudanças no sentido de ampliar o exercício pleno de direitos a todas, todos e todes. Caso ilustrativo e mais recente dessa polêmica envolve a aprovação, por parte da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, da proibição do ensino de ideologia de gênero em escolas públicas e particulares. Todas essas questões ainda dificultam o olhar, a escuta e a compreensão das experiências de caráter interseccional, que envolvem sujeitos como as mulheres negras e os LGBTQIAPN+ negras e negros.

A interseccionalidade, conceito que surge a partir do feminismo negro, permite pensar os sujeitos a partir da ótica dos diferentes marcadores que atravessam os sujeitos (raça, classe, geração, identidade de gênero, sexualidade, etc.) e

[...] trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

A interseccionalidade é uma das inúmeras possibilidades de análise que consideram as interações entre os marcadores sociais, embora suas metodologias não sejam homogêneas, centrando-se em torno de duas abordagens: a sistêmica ou estrutural (HENNING, 2015), que concebe as estruturas sociais como parte fundamental da produção de diferenças e outra, de cunho construtivista, que compreende que as relações de poder fornecem aos indivíduos a capacidade de articulação e agência.

Considerando as diferentes possibilidades de vivências, experiências, violências e lutas numa perspectiva interseccional na qual o embate político pela garantia e pelo exercício dos direitos adquiridos está posto, em que se discute a necessidade de avançar nos direitos adquiridos e no qual a educação se apresenta como instância importante no processo, os “Diálogos Abertos: Gênero, Diversidade Sexual e Raça em perspectiva” têm como objetivo geral analisar como tais temas têm sido abordados pelo movimento negro em suas diversas expressões, pelos movimentos feministas e pela comunidade LGBTQIAPN+, promovendo falas e escutas interseccionais. Além disso, busca estabelecer diálogos amplos sobre os temas de gênero, diversidade sexual e raça, apontando para a importância desses assuntos para uma sociedade mais democrática.

Para tanto, foram convidados para o debate figuras que abordam, trabalham e representam as temáticas propostas pelos “Diálogo Abertos”, a saber: o internacionalista, discente do curso de Direito e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Goiás, Augusto Melo de Oliveira; a delegada da Polícia Civil do Estado de Goiás, Dra. Laura Castro Teixeira; e Silvana Cotrim, da Associação Cultural Negra Visão, com foco no povo negro de Atibaia - SP. Além disso, foi convidado para contribuir na escolha dos candidatos e na elaboração das questões o Prof. Sadrack Oliveira Alves, graduado em Letras (UEG), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira (FAVENI) e Educação Indígena (FAVENI) e discente do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG), e a Profa. Giovanna Aparecida Schittini dos Santos, graduada, mestre e doutora em História pela UFG, cujas pesquisas têm como foco gênero, diversidade sexual e raça.

As questões elaboradas giram em torno de temas como a trajetória de cada um dos convidados nos campos de discussão propostos e o modo como concebem o trabalho com as questões de gênero, diversidade sexual e raça e como têm sido trabalhadas e vivenciadas no cenário de conservadorismo, racismo e genocídio dos tempos atuais. Além disso, propõe-se diálogo acerca da confusão em torno da disseminação do conceito de “ideologia de gênero”, termo que, como dito, não existe nas discussões acadêmicas sobre gênero e sobre os estudos queer e que tem contribuído para alastrar preconceitos baseados na deturpação da prerrogativa de liberdade de expressão. As questões também giram em torno de como o movimento negro tem se posicionado e se articulado perante o cenário atual de crescente denúncia da violência

contra a população negra e como tem sido discutidas essas questões a partir de uma perspectiva interseccional, sobretudo com base no papel que a mídia e as redes sociais têm exercido nos últimos anos. Finalmente, busca-se debater como tem se efetivado a atuação de diferentes setores da sociedade no sentido de invisibilizar ou deslegitimar a luta que os movimentos negro e LGBTQIAPN+ têm feito historicamente e como a questão tem impactado no cotidiano de trabalho e de atuação no trabalho e como promover a visibilidade desses grupos sociais e ambientes de escuta de dores, experiências, resistências, lutas e reivindicações desses sujeitos.

Espera-se que, com as discussões propostas, seja possível refletir sobre o contexto atual visando à criação de um ambiente de escuta e diálogo onde os sujeitos possam dialogar sobre seus lugares de fala, a partir da compreensão de que todo ponto de vista é agregador para os temas em debate; a formação dos envolvidos na comunidade escolar no sentido de ampliar os conhecimentos sobre os mais diversos marcadores sociais e sua aplicação na sociedade e na escola, visando, por fim, transformações que incluam grupos historicamente marginalizados a partir de seus próprios pontos de vista.

Como parte integrante da sociedade, a escola se constitui em lugar privilegiado de diálogo, debate e desconstrução de preconceitos, sendo também local onde as diversas identidades se encontram. Nesse sentido, refletir sobre gênero, diversidade sexual e raça nesse contexto de convivência de múltiplos sujeitos contribui para o desenvolvimento de sujeitos que valorizam a diversidade em suas múltiplas formas e que compreendem a importância desses temas em análise específica e interseccional, buscando a construção de uma sociedade mais democrática, colorida e plural.

Referências

ALMEIDA, S.L. **Racismo estrutural** (feminismos plurais). São Paulo, 2019.

Disponível em:

https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf. Acesso em: 27 ago. 2022.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf> Acesso em: 27 ago. 2022.

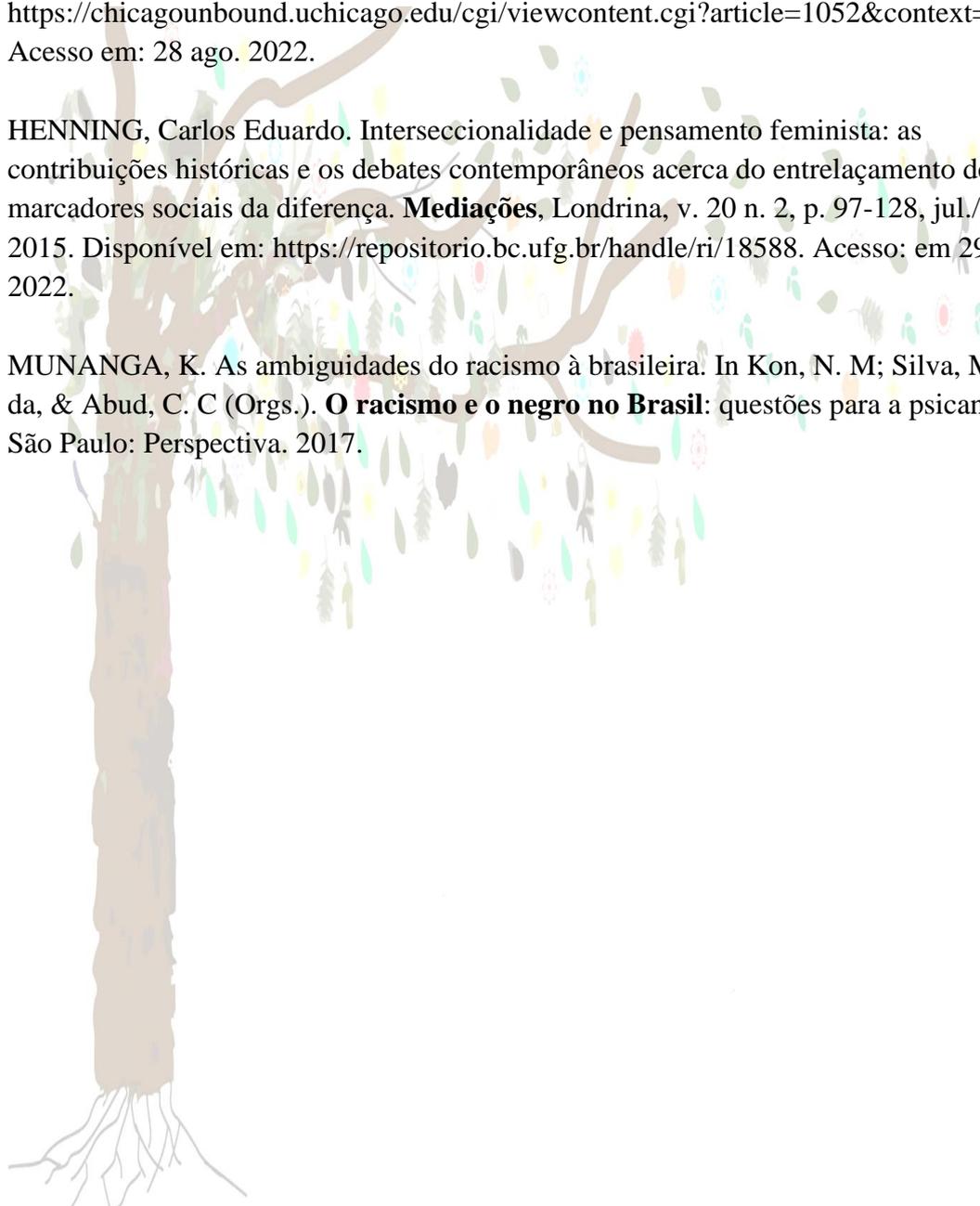
BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Documento

Introdutório. Versão Preliminar. Brasília: MEC/SEF, nov 1997a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 28 ago.2022

CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics.** 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=ucf>. Acesso em: 28 ago. 2022.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**, Londrina, v. 20 n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/18588>. Acesso: em 29 ago. 2022.

MUNANGA, K. As ambiguidades do racismo à brasileira. In Kon, N. M; Silva, M. L. da, & Abud, C. C (Orgs.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise.** São Paulo: Perspectiva. 2017.



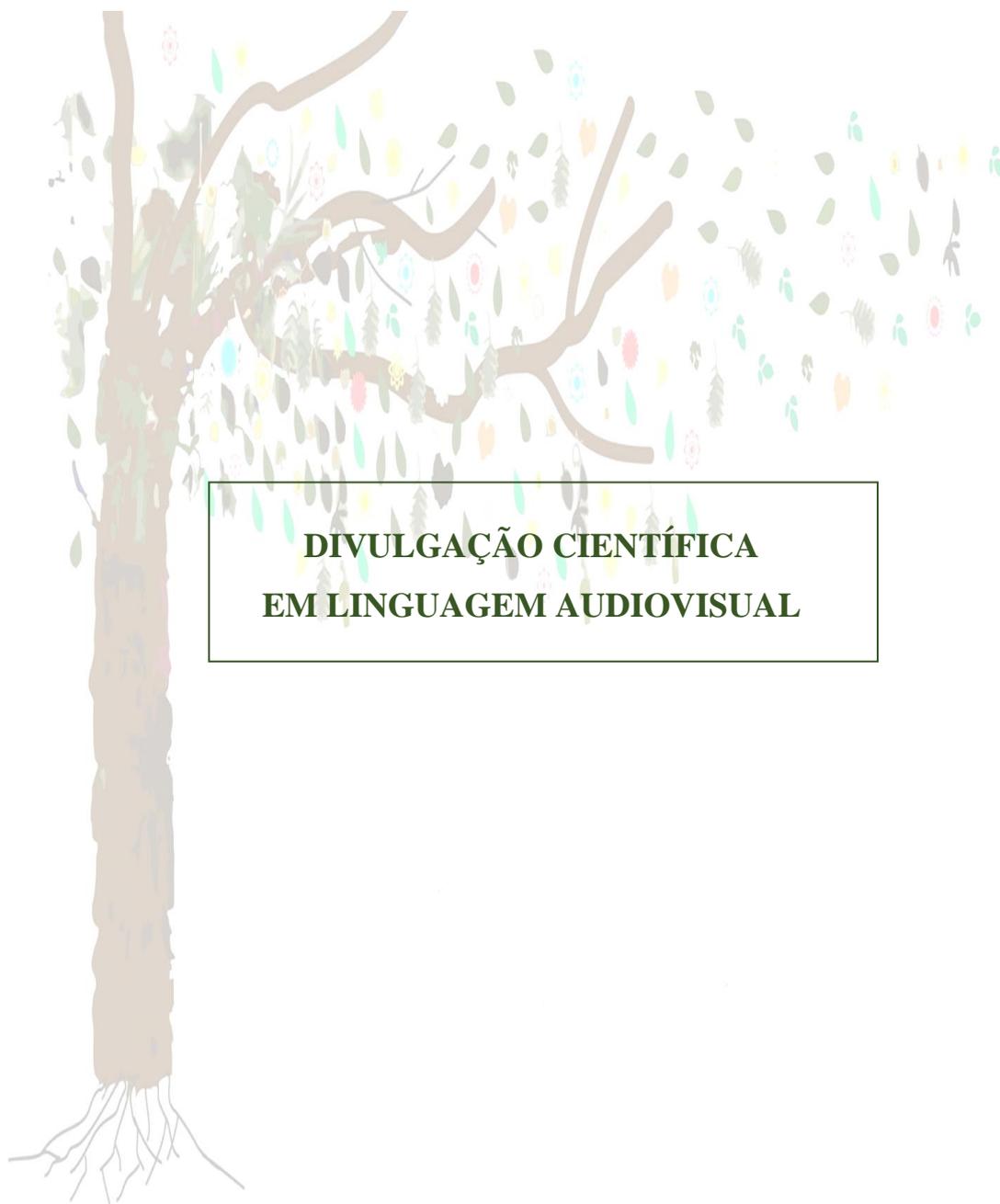
AFRICANIDADE(S), ANCESTRALIDADE(S) E FEMINISMO(S) NEGRO

Kalyna Ynanhiá Silva de Faria (CEPAE/UFG)
kalyna_faria@ufg.br

Resumo

O objetivo dos “Diálogos Abertos: africanidade(s), ancestralidade(s) e feminismo(s) negro” é dialogar e provocar um movimento de escuta a partir das intelectualidades culturais dos povos afrodescendentes e como essa escuta pode e deve chegar às pessoas, pela educação escolar. Nesse sentido, os diálogos caminham pelas giras e movimentos ancestrais do e no Cerrado goiano de mulheres negras, suas estéticas e políticas a partir das escrituras com Marta Cezaria de Oliveira. Entrelaçam-se sobre as experiências e movimentos de mulheres negras, a partir dos valores e legados de matriz africana nas construções da sociedade brasileira e percorrem os diálogos sobre o papel social da religião e sua relação com o desrespeito à alteridade no espaço escolar. Partindo do conceito de Lévinas sobre alteridade, buscar-se-á analisar a relação conflituosa existente entre alunos adeptos de religiões de matriz africana e alunos que professam outra religião, buscando assim refletir sobre o papel do professor no combate ao Bullying no espaço escolar. Isso posto, os “Diálogos abertos: Africanidade(s), Ancestralidade(s) e Feminismo(s) Negro” se apresentam como lugar de vivências, de escutas, de resistências e de representatividades para a ampliação das práticas antirracistas dentro e fora dos espaços escolares. Farão parte desses diálogos Érika Santos (Pretas de Angola/GO), Maria das Neves Jardim (Gira Leodegária/UFG) e Rosinalda Correa da Silva Simoni (Mulheres Negras Malunga/UNESP).

Palavras-chave: Africanidades. Ancestralidades. Feminismos.



**DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA
EM LINGUAGEM AUDIOVISUAL**

CURTA CIÊNCIA, EDUCAÇÃO BÁSICA & DIÁLOGOS

Camila Borges Paula (PPGPC/UFG)
bamilacborgess@gmail.com

A Coletânea Escola de Educação Básica para Todos, em seu volume IX, apresenta os resultados provenientes de “encontros, diálogos, articulações” e “atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo de 2021” (MESQUITA; SATLER; FREIRE, 2022, p. 11). Através de uma parceria intrainstitucional que envolveu projetos e participantes de diferentes níveis de ensino e de pesquisa de duas unidades da Universidade Federal de Goiás, docentes do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, a Unidade de Educação Básica da UFG, foram contatados e, como resultado, trouxeram as diretrizes do projeto de pesquisa “Imagem da Vida em transição” (PI04760-2020), que agrega participantes do Cepae e de outras escolas de educação básica em Goiás, para também corroborar as conversas, ideias e planejamentos do grupo, no que se referia ao oferecimento compartilhado de uma disciplina do Núcleo Livre denominada “Saberes Audiovisuais Colaborativos” (FIC0282 – 2021/2 - TA) (MESQUITA; SATLER; FREIRE, 2022, p. 11).

Ampliada a proposta inicial, essa disciplina, essencialmente optativa, aberta à participação de qualquer estudante da instituição sem a exigência de pré-requisitos, foi oferecida no segundo semestre do ano letivo de 2021, na modalidade remota, via Sala Virtual do Google, objetivando apresentar e problematizar os seguintes pontos de sua ementa: cinema, audiovisual e os estudos da cultura, o vídeo e a divulgação da ciência, a pesquisa e a busca em audiovisual no ambiente digital, a interpretação do audiovisual e o ponto de vista da recepção; e, como realização experimental deste processo, o desenvolvimento de dois textos produzidos colaborativamente em grupos reunidos segundo seus próprios interesses, sob o leque de uma só inspiração, “a ciência em nosso dia a dia”: o 1º, do gênero visualidades, escrito em linguagem alfabética permeada de imagens representativas do outro, o 2º, uma criação audiovisual de gênero livre, de até quinze minutos, com intenção estética, informativa, educacional e/ou publicitária (MESQUITA; SATLER; FREIRE, 2022, p. 12).

Partindo da proposta de que todos os participantes pudessem “observar, analisar e avaliar o uso do audiovisual que cada um faz para assistir conteúdos científicos na internet” (MESQUITA; SATLER; FREIRE, 2022, p. 13), os estudos e as

discussões culminaram em seis curtas descritos nos textos do gênero visualidades. Dentre eles, nesta proposta de Divulgação Científica em Linguagem Audiovisual, trato, especificamente, dos curtas “Como as princesas da Disney influenciam na formação das meninas”, "Ditados populares" e “Os memes morrem?”.

No curta “Como as princesas da Disney influenciam na formação das meninas” desenvolveu-se a análise da forma na qual ocorre a influência dos filmes das princesas da Disney na vida das meninas bem como a adaptação da franquia ao contexto histórico ao longo do tempo, desenvolvendo uma representatividade e empoderamento que fora mudando, cronologicamente, no que tange ao papel das mulheres diante da sociedade.

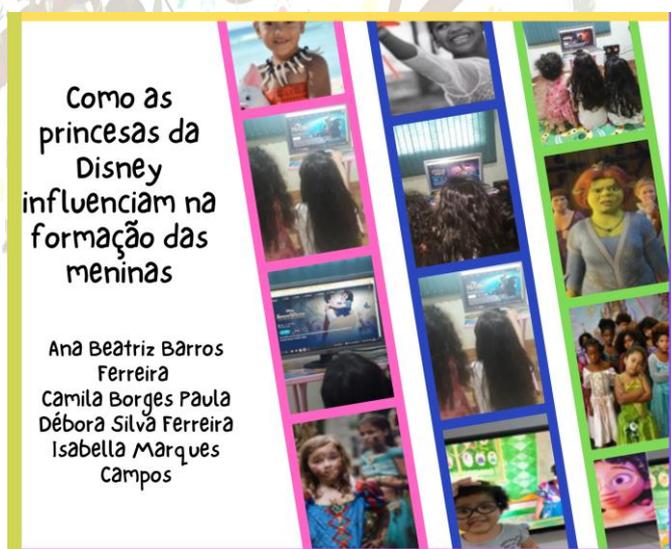
Em "Ditados populares", buscou-se focalizar o conhecimento científico e o conhecimento popular, suas diferenças, semelhanças e a importância de se obter o conhecimento por meio de comprovações e experimentações científicas. Tal estudo desembocou na conclusão de que essa dimensão dos ditados e expressões vão se transformando dentro dos contextos em que vão sendo utilizados tornando a língua portuguesa falada no Brasil “tão plural e tão viva” (NEVES et al., 2022, p.65).

“Os memes morrem?” trata do estudo envolvendo a questão do que possa vir a acontecer quando as personagens dos memes falecem: “a morte de um meme acontece quando deixamos de compartilhar. Cada vez que compartilhamos um meme estamos prolongando a sua vida ou até mesmo ressuscitando um meme já esquecido” (OLIVEIRA et al., 2022, p. 77). Recriar e compartilhar um meme inclui imitar não só a sua forma, formato, conteúdo e mensagem, mas também, a sua postura. A postura exige um posicionamento. Por exemplo, vacinar e publicar nas redes com a hashtag #vivaaciência, #vireijacaré, #vivaosus é não só replicar um meme, mas também expor o seu posicionamento. Por isso, quando você cria e compartilha um meme, seja em grupos, individualmente ou nas redes sociais, você não só prolonga a vida dele, mas também conta muita coisa sobre você. Esse processo envolve crenças, objetivos sociais e um mínimo de domínio técnico para a produção dos memes. Sendo assim, a melhor forma de compreender a comunicação memética é pesquisando de que forma as pessoas estão interagindo com os memes (OLIVEIRA et al., 2022, p. 80).

O desenvolvimento da disciplina que culminou na produção dos curtas, adveio de colaborações dialógicas diversas e ricas no que tange à educação:

no contexto da disciplina, os estudos ocorreram por meio de textos acadêmicos, *lives*, programas populares de divulgação científica na rede, apresentações de pesquisas em andamento etc., em constante relação com o diversificado conteúdo que os participantes costumam assistir na internet, dado seus interesses por “saberes científicos (MESQUITA et al., 2022, p.17).

O VI Fórum Nacional Escola de Educação Básica para Todos será um evento virtual transmitido pela UFG TV e ocorrerá entre os dias 19 e 24 de setembro de 2022. A ‘ dos três curtas supracitados se dará, especificamente, no dia 19, a partir das 18 horas, mas todos podem ser assistidos e apreciados no Canal do Youtube, acessando os links que se seguem.



Link de acesso ao curta: <https://youtu.be/b6W2cgG2Y00>



Link de acesso ao curta: <https://youtu.be/dAvSZDiNsAk>



Link de acesso ao curta: <https://www.youtube.com/watch?v=3HpLFY35XBs&t=54s>

Referências Biográficas

MESQUITA, Deise Nanci de Castro; SATLER, Lara Lima; FREIRE, Silvana Matias(org). **Escola de Educação Básica para todos**. Volume IX. Goiânia: Cegraf, 2022. E-book. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/ebook_educacaobasicaparatodosIX.pdf.

(Acesso em: 26 ago. 2022).

NEVES et al. **Escola de Educação Básica para todos**. Volume IX. Goiânia: Cegraf, 2022. E-book. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/ebook_educacaobasicaparatodosIX.pdf.

(Acesso em: 26 ago. 2022).

OLIVEIRA et al. **Escola de Educação Básica para todos**. Volume IX. Goiânia: Cegraf, 2022. E-book. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/ebook_educacaobasicaparatodosIX.pdf.

(Acesso em: 26 ago. 2022).

SABERES COLABORATIVOS E EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Thaisy de Carvalho Rocha Gomes (PPGEEB/CEPAE/UFG)
thaisycrgo@gmail.com

A BENÇÃO - O filme-carta “A casa dos avós é uma escola” conta a história de vários netos(as) e avós, que têm uma cultura e modo de vida própria. Observam-se várias histórias caseiras, filmadas pelos próprios estudantes do 2º ano dos Anos Iniciais, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás. Inicialmente eles escreveram sobre seus avós, escolheram fotografias e gravaram vídeos, em que a escrita se integra e as histórias começam a se desenrolar. O filme é um convite para se emocionar, sentir a simplicidade e encher o coração de afetividade pelas coisas boas e simples da vida. Afinal, receber a benção da vó é tão bom! Observa-se que a construção do filme se deu de forma colaborativa, em encontros presenciais e remotos entre o professor de cinema Rafael de Almeida, alunos, professores, pais, avós, avôs e apoiadores do projeto, estabelecendo um método de construção coletiva para o filme. O protagonismo das crianças como criadores do conteúdo e dos argumentos é evidente, processo e conteúdo convergem, fazendo emergir um aprendizado e inteligência coletiva a partir da experiência audiovisual. Esse encontro de gerações foi importante para preservar a história, a cultura e as experiências vivenciadas pelos avós, que marcaram a trajetória dos estudantes. A casa dos avós se tornou uma grande escola, carregada de descobertas e aprendizados por toda a vida.

Palavras-chave: Benção. Memórias. Filme-carta.



Link de acesso ao curta: <https://youtu.be/d7fwxFnaJ40>

EDUCAÇÃO LIBERTADORA – Este curta mostra diversas possibilidades de atividades críticas, reflexivas do tema “Semana de Arte Moderna de 1922”. Possui uma inspiração em Paulo Freire, ao defender a educação como um processo de produção de conhecimentos que libertam e promovem a autonomia. Antes de produzir os vídeos, puderam participar de vivências teatrais, com a “intenção de descoberta”, e assim aperfeiçoar a discussão sobre o que seria uma arte brasileira? Quem é o povo brasileiro? Quais são as subjetividades desse povo? Através dessa cultura popular, tão vasta, é que se pode conhecer a história e a identidade de um povo, coisa que os alunos não viram presente em 1922. Os alunos, depois das vivências, puderam produzir seus próprios vídeos, com a autonomia de escolher quais assuntos abordar. Tiveram a oportunidade de reescrever, com suas individualidades, a Semana de Arte Moderna. E isso com o uso de celulares! Se em 1922 não houve coesão, em 2022 também não houve, mas o que nos interessou foi a provocação e a formação de um espírito crítico. Vivenciar a arte e dar mais humanidade à escrita e às conversas é inovação, resistência e modernismo. Os alunos exploraram temas como: Fome, Animais presos, Redes Sociais, Diversidade de Sons, Desmatamento, Cultura Brasileira, Mulher Guerreira, Revolução da Cor Preta. As principais implicações na Educação Básica é a construção de saberes colaborativos e coletivo entre a comunidade escolar, o desenvolvimento da autonomia discente para a leitura, escrita e compreensão da sua própria realidade.

Palavras-chave: Educação Libertadora. Semana de Arte Moderna. Possibilidades.

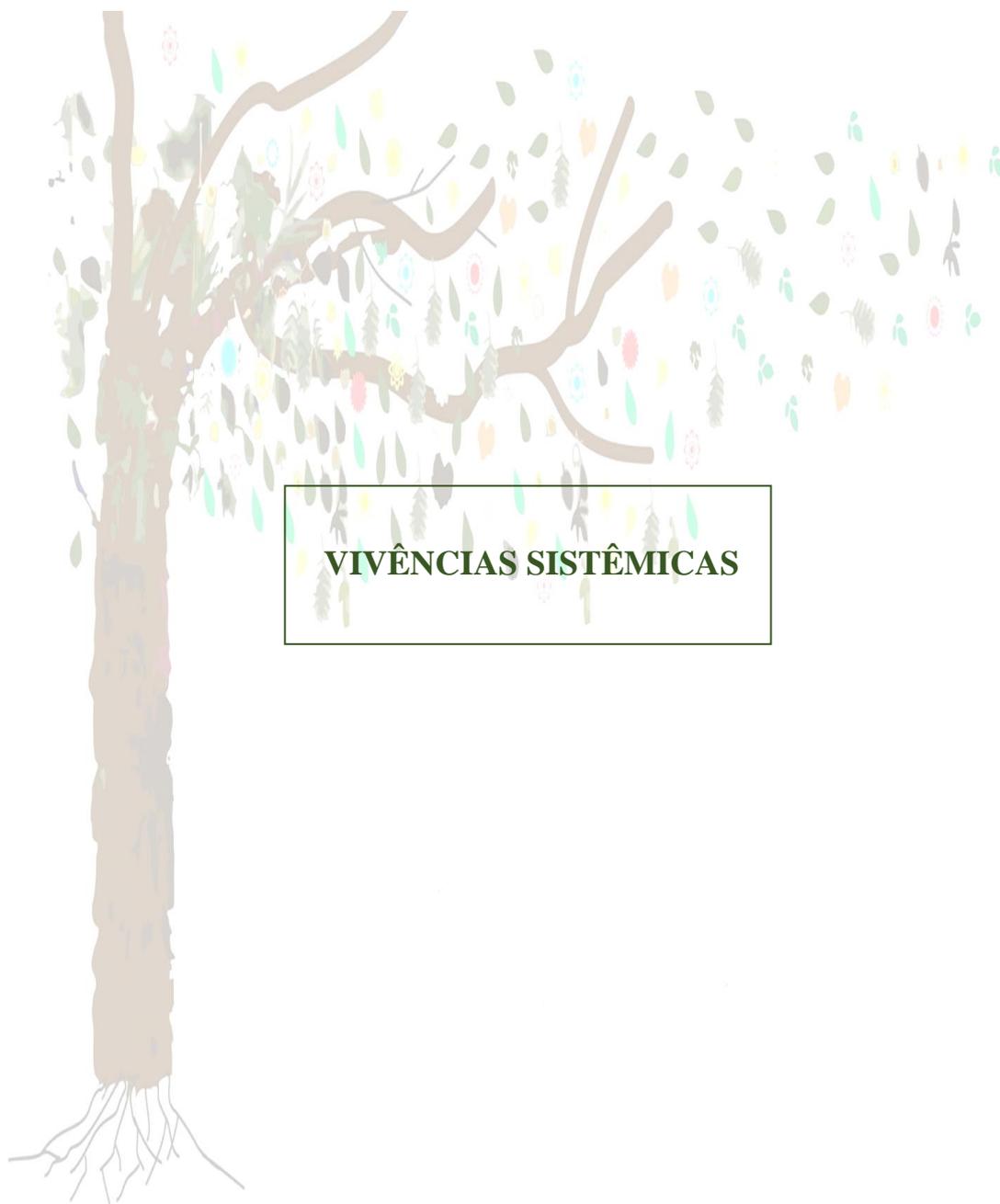


Link de acesso ao curta: www.youtube.com/watch?v=q-_2l-zjIR4

A FORÇA DAS MULHERES QUE RETORNAM AOS ESTUDOS - Este curta faz parte do Projeto de Extensão VideoClubismo Estudantil: escolas de educação básica em cena, realizado no âmbito do Estágio Supervisionado da Faculdade de Letras, no CEPAE/ UFG. A atividade foi desenvolvida na Escola Municipal Jardim Nova Esperança, na cidade de Goiânia. O oito de março, considerado o Dia Internacional da Mulher, foi repleto de festividades, no entanto, para além do caráter comemorativo, foram realizadas reflexões históricas sobre assuntos como violência estrutural contra a mulher, mercado de trabalho, ativismo estudantil, direitos humanos entre outros. Diante do fato de que um grande quantitativo de mulheres nessa escola não havia podido concluir seus estudos quando ainda eram jovens, apenas porque pais, maridos e namorados dificultaram seus retornos à vida escolar, as estagiárias resolveram convidá-las para participar voluntariamente nesse projeto de produção audiovisual, narrando suas próprias histórias sobre os motivos que as fizeram retornar à escola, depois de adultas ou mesmo idosas. As estagiárias enxergaram naquela comunidade a oportunidade de os próprios estudantes dialogarem com as mudanças sociais, ambientais, políticas e até econômicas ao serem protagonistas de suas próprias criações artísticas. Como argumento, foi oferecida a reflexão sobre o dito popular “Uma andorinha não faz verão” e, ao final, o enredo foi construído a partir de quatro histórias de estudantes do turno noturno que percorreram o caminho de volta à escola, recontadas em diferentes gêneros discursivos. Mediante a utilização da linguagem verbal, não-verbal e audiovisual, a realização dessa atividade contribuiu para que essas mulheres se empoderassem de diversos conhecimentos sociais, culturais, históricos e políticos, que ampliaram a compreensão sobre suas próprias situações de opressão e sobre o direito de todos à educação.

Palavras-chave: Mulheres. Narrativas. Ativismo Estudantil.





VIVÊNCIAS SISTÊMICAS

**PROJETO DE EXTENSÃO OLHARES SINGULARES SOB(RE) NOVOS
CENÁRIOS: EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA E PROTAGONISMO
ESTUDANTIL EM ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA**

Márcia Cristina Machado de Oliveira (EM de Tempo Integral JK)
marciacia2@gmail.com

Patrícia Maria Jesus da Silva (EM Jalles Machado de Siqueira)
patriciaandre2105@gmail.com

Resumo

Assim como nos eventos anteriores, neste VII FNEEBT / I CID estamos sendo honrados com as apresentações das vivências sistêmicas desenvolvidas pelos diferentes estudantes, estagiários, bolsistas e docentes, com e sem deficiência, que participam do Projeto de Extensão “Olhares Singulares Sob(re) Novos Cenários”. Fazem parte dessa profícua parceria o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, o Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata, o Colégio Estadual Polivalente Professor Goiany Prates, a Escola Aldeia, a Escola Casa Verde, a Escola Municipal Herbert José de Souza, a Escola Municipal Jalles Machado de Siqueira e a Escola Municipal de Tempo Integral Juscelino Kubitschek. Durante o desenvolvimento desse projeto de extensão, cujo intuito é “educar o olhar” para a percepção do artístico em sua manifestação do belo e do poético, a cada duas semanas são realizadas e transmitidas pelo GoogleMeet rodas de conversa e vivências sistêmicas que tratam sobre o processo de arte e criação, sob a coordenação dos próprios participantes e/ou de convidados especialistas em produções artísticas em diferentes linguagens; e, nas semanas alternadas, durante as aulas regulares dos professores parceiros em suas escolas, são realizados estudos e debates sobre a relação do conteúdo curricular aprendido e fatos da realidade, do cotidiano dos diferentes participantes. Concluída a etapa de execução da atividade, cabe aos estudantes, orientados por tutores (estagiários, bolsistas ou professores,) o planejamento, a organização e a realização de mostras, feiras, festivais e outras atividades culturais, com o objetivo de socializar as suas produções. Esta divulgação também é feita em diferentes encontros culturais e científicos, como neste VI FNEEBT / I CID, quando os próprios protagonistas tratarão de relatar os processos de criação e de expor as produções materializadas em curtas-metragens, podcasts, fotos, pinturas, fanzines etc., realizadas durante os períodos letivos de 2021/2 e 2022/1.

Palavras-chave: Experimentação artística. Criação poética. Protagonismo estudantil.



LANÇAMENTOS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS! – VOLUME VIII

Deise Nanci de Castro Mesquita (CEPAE/UFG)
mesquitadeise@ufg.br

Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha (CEPAE/UFG)
maria.carvalho@ufg.br

Patrícia Maria Jesus da Silva (EM Jalles Machado de Siqueira)
patriciaandre2105@gmail.com



Fonte:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/ebook_educacaobasicaparatodosVIII.pdf

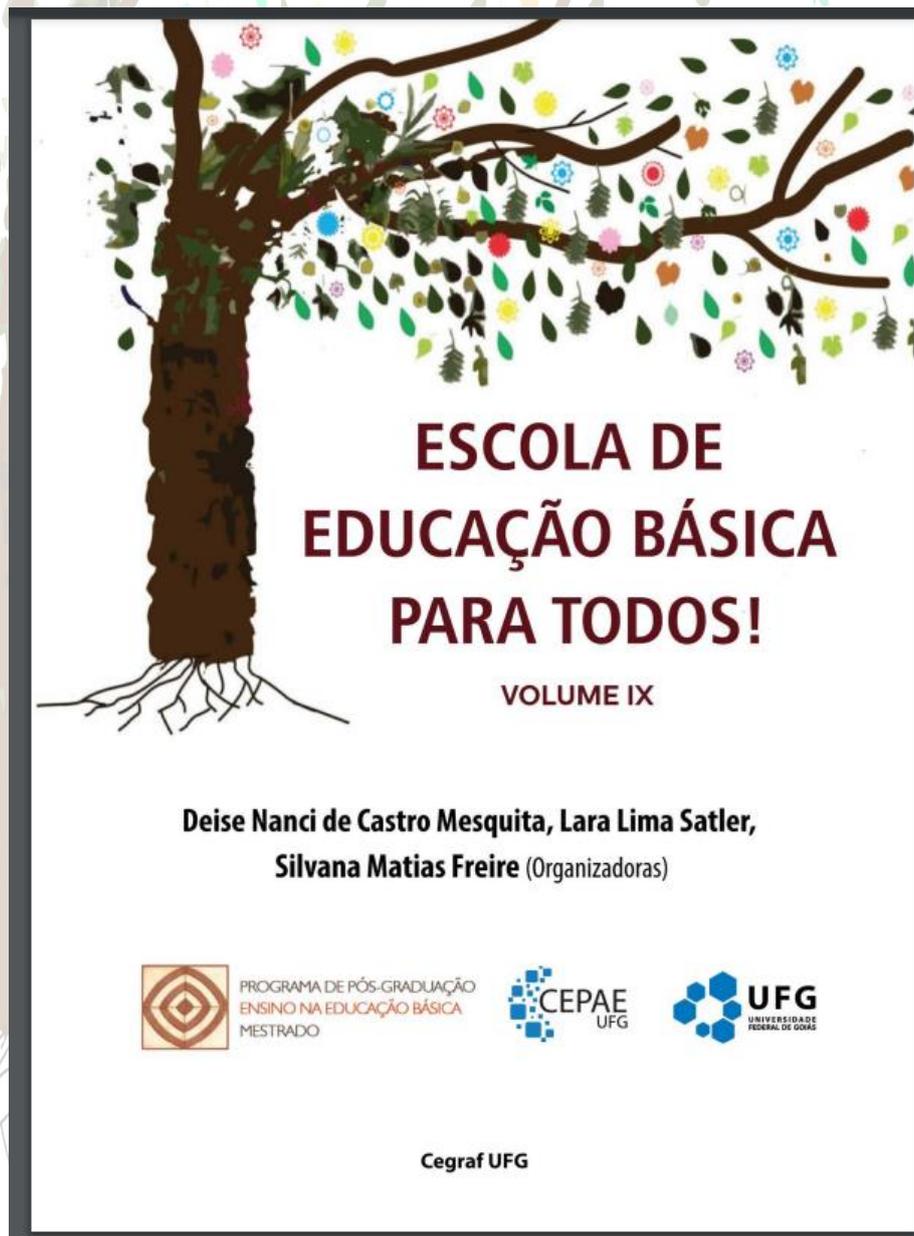
(Acesso em 09 set. 2022)

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS! – VOLUME IX

Deise Nanci de Castro Mesquita (CEPAE/UFG)
mesquitadeise@ufg.br

Lara Lima Satler (CNPq/ Npti e Redarth/UFG)
lara_lima_satler@ufg.br

Silvana Matias Freire (CEPAE/UFG)
silvanaf@ufg.br



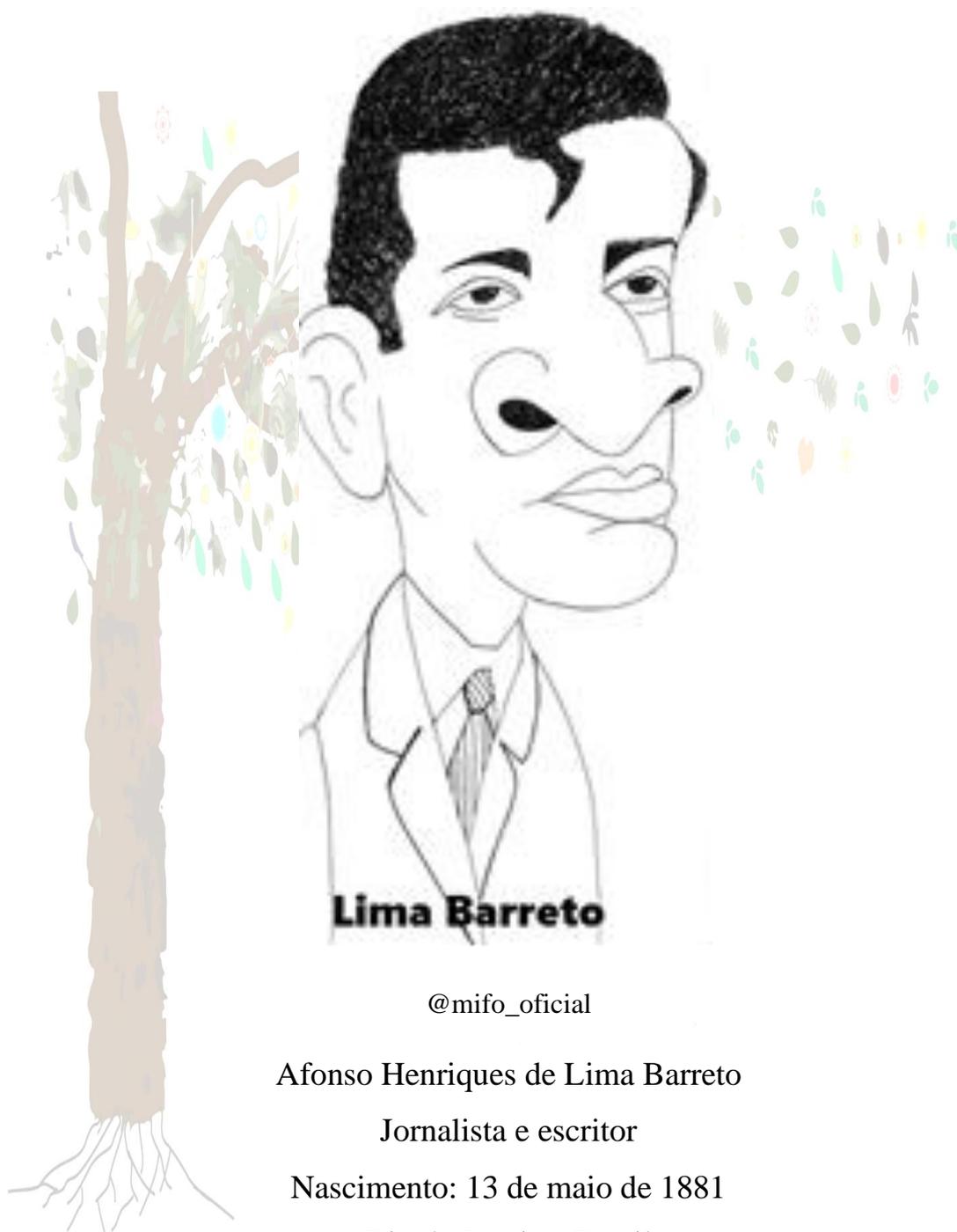
Fonte:

https://forumescolaparatodos.com.br/wp-content/uploads/2022/08/ebook_educacaobasicaparatodosIX-1.pdf

(Acesso em 09 set. 2022)



HOMENAGENS



@mifo_oficial

Afonso Henriques de Lima Barreto

Jornalista e escritor

Nascimento: 13 de maio de 1881

Rio de Janeiro, Brasil

Morte: 1 de novembro de 1922

Rio de Janeiro, Brasil



hascunhos.blogspot.com

Elza Gomes da Conceição

Cantora, compositora musical e puxadora de samba-enredo

Nascimento: 23 de junho de 1930

Rio de Janeiro, Brasil

Morte: 20 de janeiro de 2022

Rio de Janeiro, Brasil



Centenário da Semana de Arte Moderna
Bicentenário da Independência do Brasil

2022